

Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Agosto de 1976

No. 8

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau

Blumenau em Ladernos

TOMO XVII

AGOSTO DE 1976

Nº. 8

Camboriú ou Cambariguassú

Ernesto Stodieck Júnior

Procura-se a origem ou a tradução do supostamente indígena nome da conhecida Praia. E, pelo que tudo indica, Camboriú parece ser corruptela da Cambariguassú, cuja tradução exata deveria ser dada por algum especialista.

Um livro importante e sério, escrito no Rio de Janeiro no ano de 1816 e publicado em Lisboa em 1829, serve de base, pois descreve geograficamente a zona, grafando os nomes de Cambarigu-assú e de Cambariguassú na planta que o acompanha. Trata-se da "MEMÓRIA POLÍTICA SOBRE A CAPITANIA DE SANTA CATARINA, escripta no Rio de Janeiro em o anno de 1816, por PAULO JOZE MIGUEL DE BRITO, Ajudante de Ordens que foi do Governo da mesma Capitania, Governador e Capitão General de Moçambique, e Correspondente da Academia Real das Sciencias, LISBOA na Typografia da mesma Academia, 1829. Com licença de S. Majestade", que foi reimpressa em 1932 pela SOCIEDADE LITERARIA BIBLIOTECA CATARINENSE — Livraria Central, Florianópolis. É uma brochura de 110 páginas. Tenho um exemplar e devem existir outros em bibliotecas, considerando sua importância. Nova reedição seria de grande valia, uma vez que é produto de estudos "in loco", com os capítulos: Historia, Indigenas, Primeiro Donatário, Primeiro Povoador, Criação da Capitania, Colonização, Descrição Physica (com exatos dados de ilhas, enseadas, rios, montes, lagoas, portos, etc.), Descrição Política, População, Produção, Agricultura, Indústria, Comércio, Dados Estatísticos de 1810, Finanças, Força Militar, Educação Publica e Costume dos Habitantes, Reflexões e Sugestões sobre medidas a serem tomadas, etc, etc.

Na parte onde o minucioso livro descreve Rios e Enseadas, pag. 31, se lê:

“O CAMBARIGÚ-ASSÚ conflue no Oceano a distancia de duas legoas e meia ao sul da barra do rio TAJAHI, e pouco para o norte da ponta septentrional da enseada das Garoupas (n/ anotação: hoje Porto Belo); tem na sua foz 20 braços de largo e pouco fundo; este rio serve de limite ao termo judicial da Villa do rio S. FRANCISCO pelo sul e ao da Villa Capital do DESTERRO pelo norte”.

Temos, assim, uma fonte ponderável para o nome, cuja tradução nos falta. No “VOCABULARIO TUPY-GUARANY” (Ariel Editora Limitada — Rio de Janeiro 1936), pag. 101, encontramos:

ÇAMBÁ (tambá, çamá, tamá) denomina ostra, marisco, concha, vulva. Acrescentando-se “u” dá “marisco preto”.

Pelo mesmo autor “Çambaqui (tambaqui) é o depósito de ostras, aliás, hoje conhecido como sambaqui.

RIRY (pag. 97) — também é ostra.

GUAÇÚ (guassú) (também: oçú, oaçú, çú, açú, uçú, etc.), sempre palavras do mesmo autor: usado como suffixo aumentativo: grande, grosso, largo, amplo.

Chegamos assim bem perto de OSTRA ou MARISCO GRANDE para denominação CAMBARIGUASSÚ. Temos até testemunhas:

Tanto o rio quanto a confluência com o mar, bem como o costão a lagoa e a praia, são verdadeiros paraísos de “habitat” para os mencionados moluscos e outros, onde uns preferem ondas de mar aberto, outros praias mais mansas, outros a coroa do rio e água saloba, e outros ainda o lodo do mangue. É verdade que as suas reservas estão praticamente esgotadas, mas ainda existem provas vivas e mortas.

São possíveis ainda outras traduções, um pouco forçadas, por exemplo:

CAMBA: pode ser negro, africano, preto, macaco preto.

RI: permite tradução: correndo, por causa de, com, contra. Mas há pouca evidência para tal conclusão.

Os dicionários às vezes divergem, o que é natural, pois os nossos indígenas só falavam e não escreviam a língua deles, e esta ainda sofreu a influência do ouvido e pronúncia portuguesa, sabido que é que os alfabetos não combinam.

Como sou apenas um curioso, ficaria muito satisfeito, se pessoas “mais por dentro” se externassem. Não é impossível até que apareçam dados anteriores ao livro, no qual me baseio.



Os Fundadores de Blumenau

Adolfo Bernardo Schneider

Do Arquivo Histórico Municipal de Joinville

Temos lido, sempre, com muita atenção, os trabalhos publicados por "BLUMENAU EM CADERNOS", cuja coleção possuímos, aliás com muita honra, desde o nº 1, aqui no Arquivo Histórico Municipal de Joinville, cujo objetivo principal é a juntada das fontes da História de Joinville e, como colateral, da Imprensa da Região.

Temos por "BLUMENAU EM CADERNOS" uma enorme estima e consideramos esta publicação de valor incalculável para o melhor conhecimento das nossas raízes. Lógico, as "nossas raízes", as de Joinville, Blumenau, Brusque, São Bento do Sul, Jaraguá do Sul, etc, são diferentes das raízes de Florianópolis, Laguna, São Francisco do Sul e outras localidades catarinenses, inclusive Lajes.

Achamos admirável, que os blumenauenses, à frente o sr. Federico Carlos Allende, não deixaram caída no chão a bandeira, que caíra das mãos de José Ferreira da Silva, quando um trágico acidente o vitimou.

Desta forma, lemos também o trabalho publicado no nº 5/1976 de "BLUMENAU EM CADERNOS", de autoria do colega sr. Edison d'Avila.

Há muitos anos estamos observando esses nomes dos 17 fundadores (que deveriam ser 18, por que o Dr. Blumenau também esteve presente) da cidade de Blumenau. Em nosso trabalho "O destino dos passageiros do brigue "EMMA & LOUISE", com 50 capítulos ricamente ilustrados, que fizemos publicar em 1961 e 62 n' "A NOTÍCIA" de Joinville, já fizemos referência a esses nomes, chamando a atenção dos senhores pesquisadores, para os erros contidos na relação nominal publicada em 1950 por ocasião do 1º Centenário da Fundação de Blumenau na "Revista do Sul", cujo nome na época ainda era "Revista do Vale do Rio Itajaí".

Blumenau e Joinville tiveram a mesma origem. São duas cidades irmãs. Era, para nascer *uma*, mas as circunstâncias fizeram, que nascessem *duas* colônias.

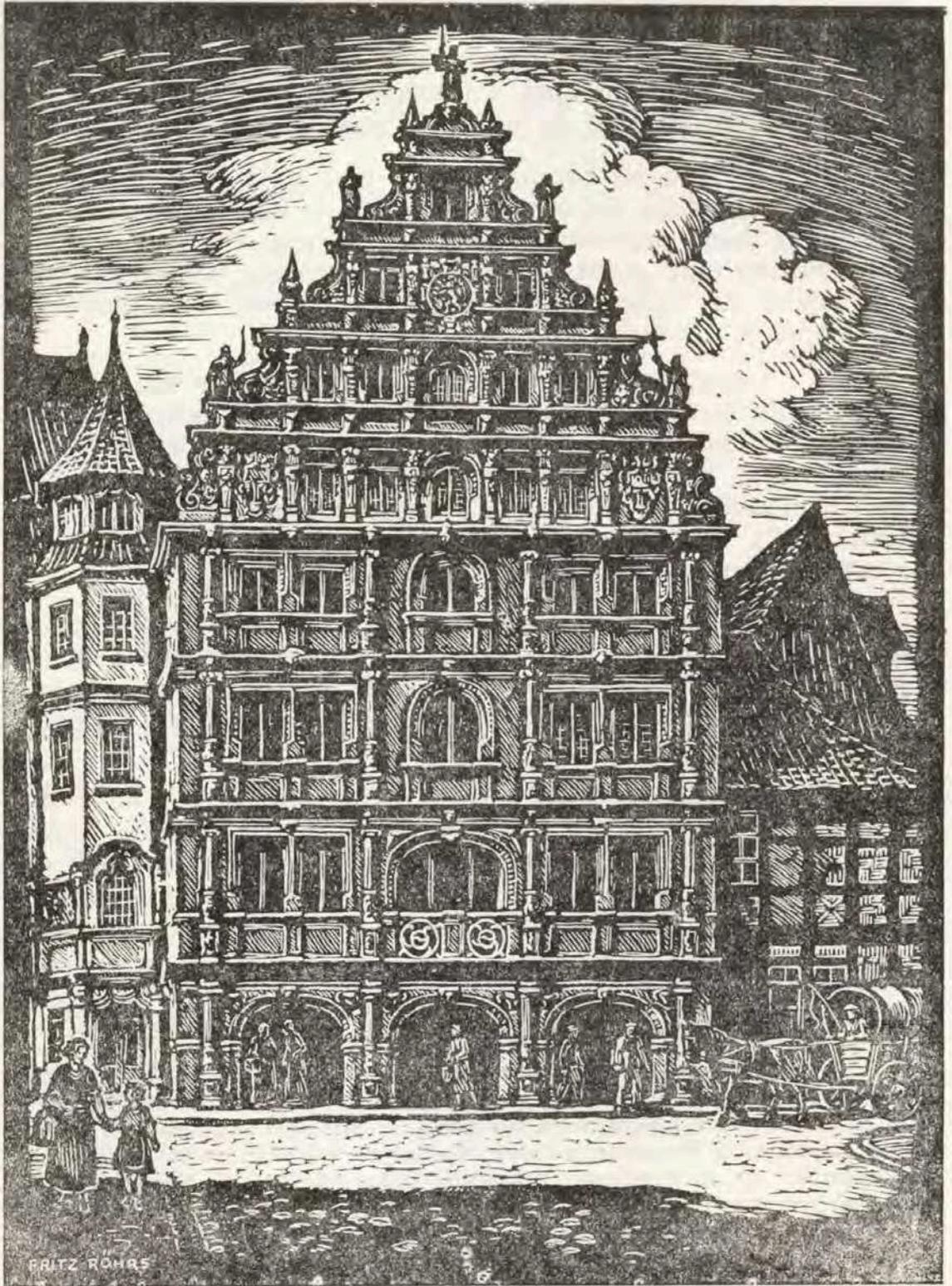
As nossas raízes são as mesmas: um grupo empresarial existente na época em Hamburgo e o Dr. Hermann Blumenau. Este último viajou em fins de março de 1846 para o Brasil, a serviço de um grupo empresarial de comerciantes atacadistas e armadores hamburgueses, constituídos em "Sociedade de Amparo ao Imigrante Alemão no Sul do Brasil", para localizar e conseguir do Governo Imperial do Brasil, uma área de terras suficientemente vasta e situada em um dos Estados sulinos, que pudesse absorver dentro de breves anos, uns 10, cerca de 10.000 emigrantes alemães, partindo-se então para novos planos. Seria, de acordo com os planos hamburgueses, à cuja frente se encontrava o juriconsulto Senador Dr. Karl Sieveking, uma emigração dirigida, mais humana, controlada, mesmo à distância.

Quando o Dr. Blumenau, depois de muito procurar e lutar, encontrou finalmente essa gleba de terras, em 1848, no Vale do Rio Itajaí, quizeram as circunstâncias, que resultaram da situação política na Alemanha e na Europa em geral, que faltasse o entrosamento imediato entre as duas partes. O correio para a Alemanha, mesmo para o porto de Hamburgo, era demorado, exigindo, na média, 150 dias, para se receber resposta a alguma correspondência. Também não existia ainda Telégrafo entre o Brasil e a Europa, muito menos de Florianópolis ao Rio de Janeiro e que apenas quase 30 anos mais tarde seria construído pelo Barão Schuech de Capanema.

Em consequência dessa falta de entrosamento, o Dr.

A Maravilhosa Terra do Dr. Blumenau

O Dr. Hermann Blumenau não saiu de uma terra pobre, para implorar pão, para os seus, aqui no Brasil. Ele saiu de uma terra saturada de Cultura, onde também a Economia em geral havia atingido a um certo equilíbrio, um equilíbrio porém, que foi quebrado pelo grande "dumping" inglês dos tecidos, após às guerras napoleônicas e que atingiu profundamente o Brunsvigue, centro de muitos artesanatos de lã, que era produzida ali mesmo. A região entrou em crise, até que surgisse a reação, uma nova maneira de viver: plantações extensas de batatas e de beterrabas, para a produção de álcool e de açúcar, além da industrialização própria. A ilustração, que devemos ao buril milagroso de FRITZ RÖHRS, representa o GEWANDHAUS, no Brunsvigue, Sede da Corporação Profissional dos Tecelões, denominada na Alemanha "Gilde". Como se vê, um edifício de 8 andares, construído no estilo faustoso da Renascença, e que vem atestar o poderio dessa Corporação e ainda, a importância do Artesanato em si, na Alemanha daquela época. (Clichê ao lado)



Blumenau requereu as terras achadas em seu nome, respectivamente da sociedade que havia formado com o sr. Fernando Hackradt, comerciante alemão estabelecido em Florianópolis. E mais tarde, mesmo após a retirada do citado sócio, o Dr. Blumenau não abdicou da resolução tomada em abril de 1848.

Contudo, os hamburgueses, que haviam perdido uma ótima oportunidade de colonizar o Vale do Itajaí EM GRANDE ESCALA, como pretendiam, voltaram à carga em 1849, quando conseguiram uma gleba de terras, também em boa localização, nos fundos da Bahia de São Francisco do Sul, dos Príncipes de Joinville.

Assim, ao invés de uma, foram fundadas quase simultaneamente *duas* colônias agrícolas de alemães em Santa Catarina, ambas particulares, a primeira pertencente ao Dr. Hermann Blumenau e a segunda pertencente à Sociedade Hamburguesa de Colonização, de 1849. (“Colonisations-Verein von 1849, zu Hamburg”). De cujo fato concluímos, que ambas tiveram a mesma origem, a mesma raiz: HAMBURGO.

Foi também de Hamburgo, que partiram os fundadores de ambas as colônias. Os fundadores de Blumenau, a 8 de junho de 1850, pela barca “EMMA & LOUISE”, pertencente na época à firma Chr. M. Schröder & Co., armadores e importadores atacadistas de Café, Açúcar, etc.

Essa barca “EMMA & LOUISE” ou fragata ou “Vollschiff” ou “Dreimaster”, isto é, navio com três mastros, sendo o terceiro ligeiramente mais baixo, fora construído em 1832 em Lübeck como brigue, que vem a ser um veleiro de dois mastros de altura igual. E mais tarde, cerca de 1846, quando comércio

Mais Outra Vista da Terra do Dr. Blumenau

Gravura de autoria do artista alemão FRITZ RÖHRS e que retrata o relativo fausto das construções urbanas da cidade de BRAUNSCHWEIG (Brunsvigue), terra do fundador principal de Blumenau. Casas, que surgiram na Renascença, uma época de grande fausto, não só na Alemanha. O dr. Blumenau, ao deixar para trás a sua rica terra natal, que parecia haver chegado ao apogeu, sentiu, como também escreveu aos seus pais, uma grande emoção, ao entrar em contato, como “primeiro branco”, como admitiu, com a quietude paradisíaca do curso superior do Rio Itajaí. “Aqui podemos recomeçar tudo de novo!” escreveu. “Aqui o Mundo ainda está no seu primeiro dia de Criação!”. (Clichê ao lado)



e navegação hamburgueses passaram por uma fase de maior progresso, fora recondicionada em BARCA, porém em estaleiro hamburguês: o casco foi aumentado em comprimento, recebendo na oportunidade o terceiro mastro, ligeiramente mais baixo.

O brigue, depois barca "EMMA & LOUISE", realizou uma série de viagens para o Brasil, pois era de propriedade da firma Chr. M. Schröder & Co., engajados, como já vimos, na importação de Café e de Açúcar, cabendo aqui chamar a atenção, que os veleiros realizavam, quase sempre, apenas UMA VIAGEM POR ANO. Zarpando nos meses de abril/maio, voltavam ao porto de origem em setembro/outubro, isto é, deixavam Hamburgo na primavera, para voltar no outono. Aproveitando-se o inverno, para a revisão do casco e principalmente do velame e do cordame.

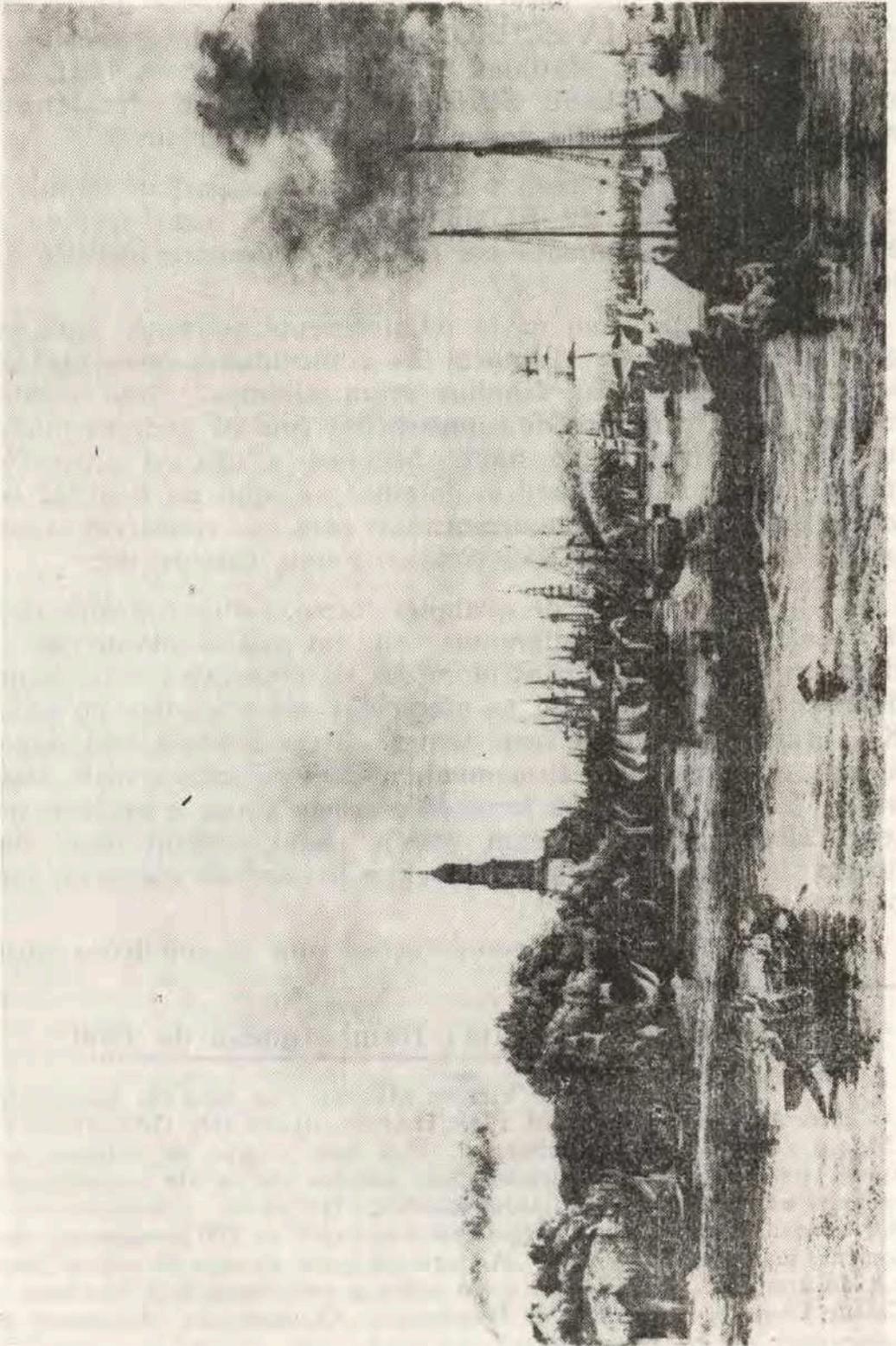
Sendo assim, na viagem empreendida em 1850, o navio trouxe os fundadores de Blumenau, na viagem de 1851 o mesmo navio trouxe 115 povoadores suíços e alemães para a Colônia Dona Francisca, repetindo a viagem em 1852. Sossobrou em 1858 nas praias hespanholas, perto de Algeciras, pequeno porto situado nas imediações de Gibraltar.

Mas, vamos agora trazer alguns extratos da nossa obra "O destino dos passageiros do brigue "EMMA & LOUISE", dos capítulos, que dizem respeito também à História da Fundação de Blumenau:

"Construído no ano de 1832 em um estaleiro de LUEBECK, velha cidade livre e hanseática sobre o Rio Trave, que desemboca no Mar Báltico, era esse navio propriedade da firma hamburguesa Chr. M. Schröder & Co., do alto-comércio de Hamburgo, cujo chefe titular, o Senador Christian Matthias Schröder, mandando batizar a embarcação com os nomes de

O Porto de Hamburgo. Vista de 1850

É esta uma visão do Porto fluvial-marítimo de Hamburgo, justamente no ano em que de lá zarparam os fundadores de Blumenau. Navios entrando e saindo. Nos ancoradouros, uma verdadeira floresta de mastros. No centro da ilustração, uma barca de cerca de 300 toneladas, descendo o Rio Elba, que pode muito bem ser a "EMMA & LOUISE", com os fundadores de Blumenau. Em segundo plano, sobre um outeiro, a igreja de São Miguel (Michaelis-Kirche), mais à direita as torres das igrejas de São Pedro, São Nicoláu e de Santa Catarina. (Clichê ao lado)



“EMMA & LOUISE”, desejava homenagear a sua ilustre progenitora, dona EMMA SCHRÖDER, viúva do Burgomestre de Hamburgo Christian Matthias Schröder, falecido em 1821, e a sua irmã, dona LOUISE SCHRÖDER. Eis pois devidamente esclarecida a origem do nome duplo dado à embarcação.

“Construído para o transporte de cargas, os porões do navio comportavam 82 KOMMERZLASTEN, uma medida da época, que, transformados em padrões modernos, significa 246 toneladas.

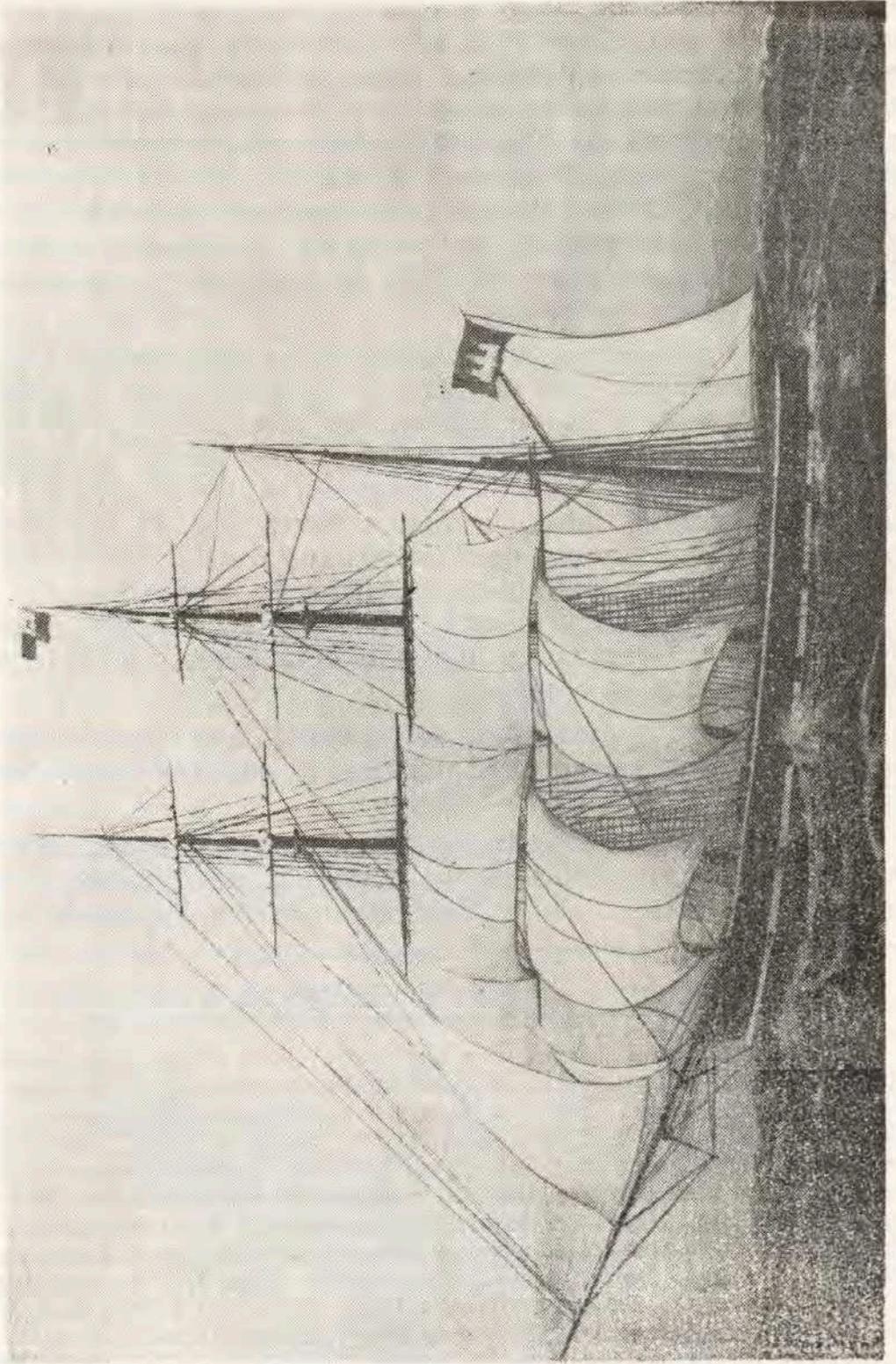
“Era pois um navio relativamente pequeno, para viagens trans-oceânicas. Também as comodidades oferecidas aos emigrantes e às suas famílias eram mínimas. Não existem mesmo bases para fins de comparações com os padrões modernos: por exemplo, não havia beliches, a não ser separações muito rudimentares, para as famílias, e que no final da travessia eram simplesmente arrancadas, para não roubarem espaço, para a carga de volta: Café, Açúcar, Fumo, Couros, etc.

“Acomodados de qualquer forma, sobre colchões trazidos pelos próprios emigrantes, ou em redes adquiridas em Hamburgo ou dos próprios membros da tripulação, essas comodidades, comparadas com as oferecidas aos viajantes no século XX, eram praticamente inexistentes. Arriscava-se a essa viagem apenas quem estivesse firmemente disposto a nunca mais voltar atrás. Talvez se tivesse formado naquela época a célebre sentença alemã: “Kommt man über’n Hund, kommt man auch über’n Schwanz!” (“Quem consegue passar pelo cachorro, também passa pela cauda!”).

“Tecendo ainda comparações com as condições atuais,

Uma Barca (Fragata) Hamburguesa de 1850

Tela de autoria de Vicente Mueller, com base em uma ilustração fornecida pelo MUSEUM FÜR HAMBURGISCHE GESCHICHTE, (Museu da História de Hamburgo). Era este o tipo de veleiros, mais usado, pelos emigrantes alemães, em meados do século passado, para viajarem ao Brasil ou aos Estados Unidos. Na média, o tamanho era de 300 toneladas, cabendo, na média também, cerca de 100 passageiros, entre homens, mulheres e crianças. A bandeira içada no tope do mastro maior é a do armador. O pavilhão içado sobre a vela latina é a bandeira da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo. O porto de Hamburgo por conseguinte era o “Heimathafen” do navio, seu “porto de origem” ou seu “porto de registro”. (Clichê ao lado)



podemos acrescentar, que também a duração dessas viagens, calculada na média em 70 a 100 dias entre céus e mar, não era absolutamente convidativa, pois, por certos motivos, essas viagens eram realizadas quase sem nenhuma escala, isto é, zarpando do porto de Hamburgo, a embarcação aproava diretamente ou em São Francisco do Sul ou em Desterro, atual Florianópolis. O Dr. Blumenau, por exemplo, quando de sua primeira viagem ao Brasil, zarpou a 31 de março de 1846 de Hamburgo, para chegar em fins de junho ao porto do Rio Grande. Não houve escalas.

“Acontecia mesmo escassearem os mantimentos e mesmo a própria água, que no final da viagem eram racionados ao extremo. Casos houve, em que os passageiros, si se pode denominá-los de “passageiros”, sofriam sede atroz, nos últimos dias da viagem, por que se recusavam a tomar a água, que lhes era oferecida, uma ou duas canecas por dia a pessoa, pois a água dos tanques do navio estava podre! Não é de se admirar, de quem conseguisse sobreviver a esse calvário, chegava ao destino com a digestão transtornada, devendo submeter-se durante semanas e meses a uma dieta rigorosa, para recobrar aos poucos a saúde.”

Porém, vamos agora ao principal, que vem a ser os nomes dos fundadores de Blumenau e que relacionamos no Capítulo XI daquele nosso trabalho:

“Conforme constatamos, existe uma certa discrepância entre os nomes publicados na imprensa de Blumenau, por ocasião dos festejos do 1º Centenário de sua Fundação e os

O Passaporte da Barca “EMMA & LOUISE”

Toda nova viagem para ultra-mar, quase sempre uma por ano, implicava em requisição, junto às Autoridades portuárias de Hamburgo, de um novo “passaporte”, que era fornecido geralmente em língua latina, como este da barca (Vollschiff, Dreimaster) “Emma & Louise”, construída como “brigue” (Zweimaster, Brigg) em 1832 em Luebeck, outra Cidade Livre a Hanseática sobre o Báltico, e reconicionado cerca de 1846 em um estaleiro hamburguês em barca. O “passaporte” foi extraído a 5 de junho de 1850, zarpando o navio a 8, com os fundadores a bordo, com viagem direta para Desterro, hoje Florianópolis, de onde os mesmos foram a Itajaí, para depois navegarem, numa balsa, Rio Itajaí acima, até à confluência do Rio da Velha. Deixamos aos que melhor conhecem o Latim, a tradução do que se consta no documento. (FONTE STAATSARCHIV — Hamburg). (Clichê ao lado)



Universis et singulis, cuiuscunque eminentiæ, dignitatis, status aut conditionis fuerint, patentes has litteras
 Nostras, visuris, lecturis, seu legi auditoris.

NOB. CONSULES ET SENATORES
 Liberae Civitatis Hanseaticae Hamburgensis,

cum obsequiorum officiorumque Nostrorum studiosa ac amica declaratione,
 notum facimus et significamus, quod coram Nostris Deputatis et dilectis Collegis Senatorii ordinis,
 S. T. Dno. *Friedrich Richter et S. T. Dno. Heinrich Geyffken*

personaliter comparuerit honestus vir *Heinrich Schröder*
 hujus civitatis civis, et mediante iuramento corporati solemniter
 praestito _____ constanter deposuerit, affirmaveritque, navim *Emma + Louise*
 denominatam cuius praesentium litterarum exhibitor Navarchus *Johann*
Sirgen Niecke _____ eius Noster hoc tempore praefectus exiit,
 ad _____ certificantium, *S. T. Dominum Christian Matthias*
Schröder hujus civitatis civem et Senatorem, honestumque
 virum *Christian Matthias Schröder jun.* hujus civitatis
 civem, negotia eorum mercatoria sub ratione *Christian Matthias*
Schröder & Co. agentes

iure domini proprio solummodo pertinere, neminemque alium quicquam iuris in eadem habere aut praetendere
 posse, absque dolo malo.

Quamobrem universos et singulos, ad quos nominatus rector navis atque nautae, una cum dicta nave sua, et
 in eam illatis mercibus ac bonis, casu consulto pervenerint, officiose amiceque rogamus, ut iis in fidem tutelam ac
 patrocinium suum elementer benigneque susceptis, liberam commercionem, negociationem atque conversationem in
 suis regnis ditionibus, portibus ac territoriis permittant, hisque libertatibus, privilegiis atque legitimis consuetudinibus
 inter coeteras urbes sub Germaniae Hanseae foedere comprehensas, Nostrae quoque Civitatis donatis libere
 uti fruique concedant. Nos virisim data occasione id summo studio ac singulari animorum promissione promoveri
 studebimus. In fidem praemissorum maiorem patentes has litteras confecto Civitatis Nostrae Sigillo communitari
 iudicimus.

Actum die *5 Junii* Anno *MDCCCLXV*

Ex commissione Amplissimi Senatus Civitatis Hamburgensis

Christian Matthias Schröder
 Hamburgensis

subscripti

nomes registrados no STAATS-ARCHIV (Arquivo Histórico Oficial da Cidade de Hamburgo). Vamos pois apontar estas divergências, respetivamente complementar os dados publicados pela Revista "O Vale do Rio Itajaí" em 1950:

1.) Reinhold Gärtner, 26 anos, solteiro, lavrador, originário de Brunsvigue (Staats-Archiv, Hamburg: Gärtner, R. J. C., de Blankenburg).

2.) Franz Sallenthien, 24 anos, solteiro, lavrador, Brunsvigue (Staats-Archiv, Hamburg: Sallenthien e Senhora, de Brunsvigue).

3.) Paulo Kellner, 23 anos, solteiro, lavrador, Brunsvigue. (Staats-Archiv, Hamburg: Kellner, Joh. Paul, de Barbecke).

4.) Julius Ritscher, 22 anos, solteiro, geómetra, do Hannover (Staats-Archiv, Hamburg: Ritscher, J. H. F., de Lauterberg).

5.) W. Friedenreich, 27 anos, c/ Senhora e 2 filhos menores, veterinário, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: Friedenreich, C. W., com esposa e filhos, 4 pessoas, de Hettstedt bei Würzburg).

6.) Daniel Pfaffendorf, 26 anos, solteiro, lavrador, Saxônia (Staats-Archiv Hamburg: Pfaffendorf, J. C. D., de Klein-Endersdorf).

7.) Friedrich Geier, 27 anos, solteiro, carpinteiro, Holstein (Staats-Archiv, Hamburg: Geier, de Mansfeld).

8.) Friedrich Riemer, 46 anos, casado, marceneiro, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: Reiner, Friedrich August, de Osterfeld).

9.) Erich Hoffmann, 28 anos, solteiro, funileiro, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: Hoffmann, Ehrig, de Osterfeld).

10.) Andreas Kohlmann, 52 anos, casado, ferreiro, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: Kohlmann, J. F. C., com esposa, de Gross-Oerner bei Hettstedt, Süd-Harz).

11.) Johanne Kohlmann, 44 anos, casada, doméstica, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: veja acima, esposa de J. F. C. Kohlmann).

12.) Marie Kohlmann, 20 anos, solteira, doméstica, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: nada consta!)

13.) Christine Kohlmann, 17 anos, solteira, doméstica, Prússia (Staats-Archiv, Hamburg: nada consta!)

14.) Andreas Boettcher, 22 anos, solteiro, ferreiro, Prússia (Staats-Archiv Hamburg: Boettcher, J. A., com MARIA MAGDALENA e CHRISTINE SOPHIE, de Gross-Oerner).

Como o prezado leitor poderá constatar, há uma série de discrepâncias entre os dados publicados em 1950 e os dados fornecidos pelo "Staats-Archiv" de Hamburgo. Discrepâncias porém, que, pelo menos em parte, poderão ser esclarecidas com um pouco de boa vontade.

Por exemplo, se nos parece lógico, que as duas moças MARIE KOHLMANN (20 anos) e CHRISTINE KOHLMANN (17 anos) não viajaram como acompanhantes de ANDREAS BOETTCHER. O equívoco do escrivão portuário em Hamburgo, talvez, se tenha originado do fato de Andreas Kohlmann e Andreas Boettcher, ambos eram de profissão FERREIRO, ambos procediam de GROSS-OERNER b/HETTSTEDT, e o prenome de ambos era ANDREAS. A "Relação de Passageiros", que acompanha cada navio, neste ponto, estava certa.

Quanto às demais divergências, as mesmas poderiam, com facilidade, serem elucidadas. Bastaria uma correspondência, em alemão, ao oficial do Registro Civil (Standes-Amt) da ou das respectivas localidades de origem, conforme estão anotadas com bastante precisão na Lista fornecida pelo "Staats-Archiv". Essas localidades ainda existem e se lá não existem Registros Civis daquela época, os haverá PAROQUIAIS, que costumam atender, pela nossa experiência, com muita solicitude a tais consultas.

Se com esta colaboração auxiliamos na elucidação de uma e outra dúvida, quanto aos nomes certos e procedência dos fundadores de Blumenau, nos daremos por satisfeitos. Aproveitamos contudo para fazer uma sugestão às DD. Autoridades de Blumenau, nossa cidade co-irmã. Caso não existir ainda, na confluência do Rio da Velha com o Rio Itajaí, um granito, eventualmente um OBELISCO, ostentando, em PLACA DE BRONZE, os nomes de todos os fundadores de Blumenau (devendo se acrescentar o do próprio Dr. Blumenau), isto poderá ser feito ainda agora, após esclarecidas as dúvidas, que lamentavelmente ainda existem. Devendo constar também a aldeia de procedência de cada um. E o respetivo "Land". Brunsvigue, Prússia, Sexonia, etc.

Por que, conforme dissemos no começo deste trabalho, a nossa origem foi diferente, da de São Francisco, Florianópolis, Laguna, etc. Devemos, cada qual, cultivar as suas origens, em granito e bronze, para que certos detalhes sejam perpetuados "ad saecula saeculorum".

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

A primeira genealogia que escolhemos para nossa série de publicações é a da família Wagner, que merece este privilégio por ser pioneira na região, pois aqui estava radicada antes da vinda do Dr. Blumenau. Quando em janeiro de 1848, o Dr. Blumenau subiu o rio Itajaí para procurar o local mais propício à instalação da colônia, com que sonhava, já encontrou em Capim Volta duas famílias, com casas e plantações, as de Peter Wagner e de Peter Lucas.

Sobre estes dois bravos pioneiros muito já foi escrito, porém, em nenhuma obra ou referência, tem sido mencionado o fato que os dois eram cunhados. Peter Lucas era casado com Dorothea Wagner, irmã de Peter e era este laço familiar que os levou a vir juntos de São Pedro de Alcântara, com pais, irmãos e filhos, procurar melhores terras em locais mais favoráveis que os de São Pedro de Alcântara. Aqui prosperaram e seus numerosos filhos e filhas se uniram pelos laços matrimoniais aos jovens imigrantes da novel colônia de Blumenau, fazendo com que, nas atuais famílias tradicionais de nossa região, a maioria tem sangue Wagner e Lucas nas veias e, todos sem excessão, têm um legítimo orgulho desta origem.

Não é nossa intenção descrever a imensidade de descendentes destes dois veteranos até os nossos dias. Vamos nos limitar a resumir a vida de cada um de seus filhos, completando este relato com uma breve menção de seus netos, na medida do possível. Mais tarde, poderemos desenvolver genealogias parciais dos descendentes de cada um dos filhos, porém para isto contamos com a colaboração dos próprios descendentes para que nos enviem este trabalho já pesquisado e o publicaremos com prazer.

Para que o texto não se torne por demais extenso e não abusarmos do espaço que "Blumenau em Cadernos" nos cedeu, achamos por bem usar algumas abreviações para as fontes de referência, que são as seguintes:

- S. P. A. = São Pedro de Alcântara.
- P. E. B. = Paróquia Evangélica de Blumenau, registros paroquiais.
- C. E. B. = Cemitério Evangélico de Blumenau.
- R. C. = Registro Civil de Blumenau.

Como nossa revista é também despachada para sociedades genealógicas no estrangeiro, usaremos o código internacional para indicar:

- nascido = *
- casado primeiras núpcias = X
- „ segundas „ = XX e assim em diante
- falecido = †

Porém vamos nos manter ao sistema em uso no Brasil para indicar:

o tronco	=	I
os filhos	=	F 1, F 2, F 3
os netos	=	N 1, N 2, N 3
os bisnetos	=	B 1, B 2, B 3

Resolvemos manter os prenomes das pessoas na forma original, tal como constam nos registros e nas outras referências encontradas.

Família Wagner

I — *Georg Wagner*, *1784 em Burbach, ou arredores, perto de Saarbruecken, Alemanha, em uma região atualmente intensamente industrializada.

Veio ao Brasil, no brigue “Luiza” que chegou em Desterro a 7.11.1828 com uma leva de 276 imigrantes. Estava acompanhado de sua esposa, Maria Catharina, nata Kurz *3.10.1794 e de 7 filhos:

- F 1 — Christian *1816 aprox.
- F 2 — Johann Peter *24.5.1818 em Burbach
- F 3 — Johann Heinrich *1820 aprox.
- F 4 — Dorothea *12.10.1821 em Voelklingen
- F 5 — Louis *23.2.1824
- F 6 — Georg *1826 aprox. em Burbach
- F 7 — Matthias *1828 aprox.

Ficaram hospedados em Lagoinha, Desterro, durante 5 meses e, somente a 13.4.1829, seguiram para São Pedro de Alcântara. (J. Matos “Colonização” p. 202). Não encontrando ali terras adequadas para agricultura e sabedores de que outros colonos se tinham mudado para o Vale de Itajaí e ali prosperavam, é provável que Georg mandou seus filhos Peter, Heinrich e Louis, juntos com seu genro Peter Lucas explorar esta região do Itajaí para verificar “in loco” a conveniência de mudar-se com toda a família, então já crescida, pelos casamentos e nascimentos de netos.

Nosso Vale deve ter agradado, pois toda a família — com excessão de Christian Wagner, o primogênito de Georg — abandonou S. P. A. e se estabeleceu em “Capim Volta”, atualmente Rua São Bento dentro do perímetro urbano de Blumenau. É provável que esta mudança tenha sido feita em etapas e antes de tudo devem ter adquirido ou requerido o terreno — e disto deve existir um documento. Uma vez legalizada a posse, alguns dos homens devem ter vindo para preparar o local com casas e plantações afim de torná-lo habitável e então mandar vir pais, esposas e crianças para a mudança definitiva.

A dificuldade é fixar uma data para esta chegada definitiva em Capim Volta, porém, baseado em nascimentos e batismos, vamos poder chegar bem perto da realidade.

- 1) Filhas de Peter Wagner e de Peter Lucas nasceram em S. P. A. respectivamente em 8.1.1846 e 10.5.1846 e ambas foram batizadas em S. P. A. em 18.6.1846. Um dos irmãos de Peter Wagner, Heinrich,

26 anos, foi padrinho. Portanto, dos homens, pelo menos Heinrich ainda estava em S. P. A. em 18.6.1846.

- 2) Uma filha de Luiz Wagner, irmão de Pedro, nasceu em S. P. A. 27.10.1846 e ali batizada 27.12.1846, sendo padrinho Georg Wagner (pai ou irmão?)
- 3) No batismo de um sobrinho em S. P. A. a 24.11.1847, os padrinhos foram Peter e Agnes Wagner.
- 4) Em janeiro de 1848 o Dr. Blumenau, ao fazer sua primeira exploração do rio Itajaí, relata: "Estes dois últimos colonos (Peter Wagner e Peter Lucas) tinham casa, grandes culturas e engenhos de açúcar no local Capim Volta..." (História de Blumenau, Prof. J. Ferreira da Silva, p. 33).
- 5) Outros filhos de P. Wagner e de P. Lucas nasceram respectivamente em 11.3.1848 e 19.3.1848, porém os batizados não são mais encontrados nos registros de São José, sede da paróquia de que dependia S. P. A.. Falta o registro dos batizados de Itajaí de 1848 a 1856 o que impede localizar estes nascimentos.

Sem qualquer dúvida, as grandes culturas e engenhos de açúcar, vistos pelo Dr. Blumenau, não podiam ter sido feitos em dois meses e, se Peter Wagner se encontrava em S. P. A., a 24.11.1847, é bem possível que tenha sido justamente para buscar a família, já que em Capim Volta tudo estava pronto para recebê-los.

Por esta razão, vamos considerar que o estabelecimento inicial, preparo do terreno e construção de casas, tenha ocorrido em 1846 e a vinda definitiva em fins de 1847, pouco depois de 24.11.1847.

Georg Wagner faleceu em Blumenau em setembro de 1859, com 75 anos de idade (óbito n° 10 — P. E. B.) e sua viúva, Maria Catharina, n. Kurz, a 7.10.1878, com 84 anos de idade (R. C. n° 106 óbitos) e foi sepultada no C. E. B.

F1 — *Christian Wagner*, *1816 aprox. Ele não acompanhou seus pais e irmãos à Capim Volta e ficou residindo na região de São José, onde já era casado desde antes de 1842 e estabelecido. Não foi possível encontrar o assento de seu casamento pois na Mitra Metropolitana, em Florianópolis, onde são conservados todos os registros paroquiais antigos de toda a diocese, não existe mais nenhum registro de casamentos de São José, anterior a 1845.

Christian X aprox. 1840 com Maria Anna Goedert *1820, 3ª filha de Jacob Goedert *1778, ferreiro e de Anna Maria Schwarz *1788, imigrantes que foram em 1829 para S. P. A.

Encontramos os assentos de batizados de 3 filhos, porém sabemos que eram no mínimo quatro:

N1 — Maria Wagner *11.7.1842

N2 — Henrique Wagner *7.9.1844

N3 — Vicente Wagner *18.12.1846, batizado em São José e não em S. P. A.

N4 — Agnes Wagner *1848 a 1850 aprox.

Pouco sabemos sobre Christian, sua esposa e seus 3 primeiros filhos. Parece que ele faleceu pouco tempo depois do nascimento de Agnes e que morava em São José, Aririú ou arredores.

F2 — *Johann Peter Wagner*, mais conhecido por Peter ou Pedro *24.5.1818 em Burbach, quase bairro de Saarbruecken.

Casou aprox. 1839 em S. P. A., com Agnes Haendchen *21.12.1819, filha de Johann *1782 na Alemanha, lavrador, e de Maria Margarida Walldorf, também imigrantes de S. P. A., chegados em Desterro a 14.11.1828, pelo brigue "Marquês de Viana".

A família Haendchen, a que Peter se aliou, mudou-se também para o Vale de Itajaí, fixando-se uns em Itajaí, outros em Gaspar, Blumenau e outras localidades.

O Padre Raulino Reitz editou em 1963 a obra "Frutos da Imigração", trabalho genealógico e histórico de grande utilidade para os estudiosos das famílias que se estabeleceram nas colônias de S.P.A., Santa Isabel, Piedade, etc. Neste livro (p. 188 e 189) ele cita 3 famílias: Haendchen, Hantchen e Henteje. Somos de opinião que, pelo menos as duas primeiras e talvez também a terceira, se referem as mesmas pessoas, que são os pais de Agnes, ela mesma sendo mencionada sob Hantchen. O nome da esposa, Maria Margarida Walldorf, mãe da Agnes, é citado uma vez como Walters, outra como Valds.

Nos registros de São José de 1846, encontramos as mesmas pessoas com os nomes Encken e Walter; em 1847, Haedens e Waldor e ainda Valta; em Itajaí em 1857, Haentchen e Waldorf e, finalmente, duas vezes em Gaspar em 1862, pelo Padre Gattone, a ortografia exata: Haendchen e Walldorf.

Os registros paroquiais de São José eram mantidos por padres brasileiros, que, não conhecendo o idioma alemão, escreviam os nomes tal como os ouviam pronunciar, de que resultaram as ortografias mais desconhecidas. O vigário de Itajaí, Padre Martens e o de Gaspar, Padre Gattone, eram alemães e escreviam os nomes corretamente ou quase.

Diz a tradição, que, da união Wagner-Haendchen, teriam nascido 12 filhos e que Agnes Haendchen teria falecido ao dar a luz ao décimo segundo.

A falta de um registro de batismos de São José e outro de Itajaí não permitiu localizar mais de 8 filhos, sendo provável que os outros quatro, se houver, tenham falecido pequenos. Não há confirmação de que Agnes morreu do parto, pois não há registro de nenhum nascimento de filho na época de seu falecimento e mesmo as crianças que nasciam mortas, eram registradas.

N 5 — Margarethe *21.2.1840

N 6 — Eugênio *1842 aprox.

N 7 — Dorothea *7.12.1843

N 8 — Catharina *8.1.1846

N 9 — Gertrud *11.3.1848

N 10 — Louise *11.1.1850

N 11 — Reynhold *entre 1851 e 1857

N 12 — Maria *21.12.1858

Peter Wagner era protestante e Agnes católica. Quando residiam em S. P. A. os filhos foram batizados pelo padre da paróquia de São José de que dependia S. P. A. Quando vieram residir aqui, passaram a batizar os filhos na igreja católica de Itajai, porém, após a fundação da paróquia evangélica de Blumenau em agosto de 1857, todos os outros filhos foram batizados e estão registrados na P. E. B. a começar por Maria *21.12.1858, batizada em 1859 pelo pastor Hesse.

Agnes Wagner, n. Haendchen, faleceu em Capim Volta, Blumenau, a 20.5.1862 com a idade de 42 anos, 4 meses e 29 dias, tendo sido sepultada no C. E. B. Este óbito, registrado na P. E. B. sob n° 17, foi também registrado pelo Padre Gattone em Gaspar, sob n° 24, cujo texto merece ser reproduzido:

“19.5.1862 óbito de Agnes Wagner (Haendchen) mulher de Pedro “Wagner, quase 40 anos de idade. Pais: João Haendchen e “Margarida Walldorf. Enterrada 20.5.1862. Observação: A pedido do marido, protestante, se atreveu o ministro protestante de “enterrar essa mulher cathólica, que confessou e recebeu o viático. “Annunciei este escândalo ao Bispo e ao Presidente da Provincia. “Padre Alberto Francisco Gattone.”

Peter Wagner casou em segundas núpcias a 4.9.1862 (P. E. B. ata n° 22) com Friederike Metzner *1846, filha de Gottlieb e de que lhe deu mais 13 filhos, todos nascidos em Blumenau:

N 13 — Selma *8.12.1863

N 14 — Thekla *17.3.1865

N 15 — Rosa *17.3.1865 gêmea

N 16 — Luis *27.2.1867

N 17 — Alvim *27.2.1867 gêmeo

N 18 — Friedrich Carl *28.1.1869

N 19 — Leopold *27.1.1872

N 20 — Theodor *2.9.1873

N 21 — Clara *26.4.1875

N 22 — Georg *27.9.1877

N 23 — Emilie Anna *2.12.1880

N 24 — Arnold *18.4.1883

N 25 — Agnes *1.10.1884

Pouco depois deste último nascimento, resolveu Peter fazer seu testamento, datado de 24.7.1885 e que “Blumenau em Cadernos” já reproduziu no Tomo II, n° 2, de fevereiro de 1959. Além de dizer que quer deixar um terço de seus bens à sua esposa, nomeando Carlos Renaux como testamenteiro, o mais curioso é que ele expressa o desejo de ser enterrado no cemitério católico!

Peter Wagner foi muito útil ao Dr. Blumenau nos primeiros tempos da colônia pois ajudava com fornecimento de gêneros alimentícios e mão de obra, inclusive seus irmãos Georg e Luis e o cunhado Peter Lucas. Era também o único a manter escravos o que muito

irritava o Dr. Blumenau que não tolerava a entrada de escravos na colônia. Existe uma escritura de venda de um escravo, de Peter Wagner, no tabelião Margarida, a qual já foi transcrita em nossos "Cadernos",

Peter faleceu a 23.11.1901. Não sabemos se foi enterrado no cemitério católico, como era seu desejo, porém no túmulo de seu filho Arnold, no C. E. B. há uma placa de mármore rendendo homenagem ao pioneiro, com datas de nascimento e falecimento.

Em julho de 1974, seu busto foi colocado na praçinha à entrada da Rua São Bento, quando uma significativa homenagem foi prestada à sua memória por um grande número de descendentes, com a presença do prefeito e outras autoridades.

Sua viúva, Friederike Wagner, nata Metzner, mudou-se para Brusque, onde residia sua filha Selma, casada com Carlos Renaux. Em sua companhia foram três de seus filhos, que ali casaram e cujos descendentes continuam residindo naquela cidade.

Friederike faleceu em Brusque a 15.3.1927 com a idade de 81 anos e foi sepultada no Cemitério Evangélico daquela cidade.

F 3 — *Johann Heinrich Wagner*, (Heinrich ou Henrique) *1820 aprox., em Burbach.

Estando ainda solteiro em 1846, com a idade de 26 anos, é quase certo que ele veio com a primeira leva da família, para preparar o terreno em Capim Volta.

Encontramos bem poucas referências à sua pessoa, tendo sido apenas duas vezes padrinho, a primeira de sua sobrinha Catharina, filha de Peter, em S. P. A. a 18.6.1846 e a segunda, de sua sobrinha Mathilde, filha de Georg, em Blumenau a 13.9.1857.

Casou-se em Blumenau em 1858, sem indicação de dia nem mês (P. E. B. ata n° 14) com Friederike Antonie Josiger *1840 em Lusten, Alemanha, filha de Christoph Josiger e de Christiane, n. Meier. Depois de casar, seu nome não aparece mais em nenhum documento, nem como padrinho, nem como testemunha, nem há batismos de filhos. Sabemos apenas que ele faleceu antes de 1865, pois sua viúva contraiu segundas núpcias a 3.9.1865 em Badenfurt, com Johann David Naumann.

Christoph Josiger, seu sogro, chegou em Blumenau em 1852 com esposa e cinco filhos. em uma leva de 110 imigrantes. Seu nome consta nos doze primeiros compradores de lotes coloniais, quando da arrematação de 28.8.1852, tendo ele adquirido o lote n° 9 de 36 Ha. situado na margem do rio Garcia.

F 4 — *Dorothea Wagner* *12.10.1821 em Voelklingen, imediações de Burbach.

Tendo apenas 13 anos e 7 dias de idade, a 19.10.1834 ela casou com Peter Lucas, provavelmente em S. P. A. Peter Lucas *6.2.1809 em Castellaun, Alemanha, era filho de Adam Lucas *1783 e de Elisabeth Jacobsen *1785. A genealogia da família Lucas será apresentada após a dos Wagner. Foram pais de 13 filhos:

- N 26 — Catharina Lucas *14.3.1838
- N 27 — Christian Lucas *1840 aprox.
- N 28 — Henrique Lucas *1.1.1842
- N 29 — Luis Lucas *10.3.1844 ou 25.3.1844
- N 30 — Maria Lucas *17.3.1846 ou 10.5.1846
- N 31 — Jacob Lucas *18.3.1848
- N 32 — Anna Lucas *9.5.1850
- N 33 — N . . . Lucas *1836 ou 1852 (?)
- N 34 — N . . . Lucas * . . .10.1854
- N 35 — Pedro Lucas *17.5.1857
- N 36 — Georg Lucas *20.1.1860
- N 37 — Julio Lucas *12.3.1864
- N 38 — Leonida Lucas *13.10.1867

Os filhos N 33 e N 34 devem ter falecido na mocidade. N 34 foi batizada em Itajaí, porém a folha do registro foi cortada, faltando prenome e dia do nascimento, trata-se de uma menina.

A 19.10.1884 o casal comemorou suas bodas de ouro e, a 19.10.1899 suas bodas de ferro, na Igreja Evangélica de Blumenau e a esta última festividade compareceu quase toda Blumenau, (vide fotos em "Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina" de G. Entres, Fpolis 1929).

Em 1900 sua descendência era de 13 filhos, 3 mortos, 38 netos, 5 mortos e 56 bisnetos, 5 mortos.

Peter Lucas †21.5.1900 com a idade de 91 anos, 3 meses e 15 dias (atas de óbito na P. E. B. e R. C. n° 32) e sua esposa Dorothea, n. Wagner †29.11.1905 com 84 anos, 1 mês e 17 dias (P. E. B. ata n° 2 — R. C. ata n° 143) e foi sepultada no C. E. B. (vide genealogia Lucas).

F 5 — *Louis Wagner* (Luis) *23.2.1824.

Pode ter vindo a Capim Volta com seus irmãos em 1846 para os preparativos iniciais, porém neste caso, já casado, pois encontramos uma filha sua nascida 27.10.1846 S.P.A. e ali batizada 27.12.1846.

Casou S. P. A. aprox. 1844-45 com Maria Gertrudes Emmerich *1822, filha de Adam Emmerich *1792, lavrador e de Margarida Weber *1791, "naturats do reino da Prussia". Os Emmerich tinham vindo ao Brasil a 14.11.1828, pelo brigue "Marquês de Viana" tendo seguido de Desterro para São José em 1829 e mais tarde, para a colônia Leopoldina (Alto Biguaçu). (vide Frutos da Imigração p. 177). Pais de:

- N 39 — Anna *27.10.1846
- N 40 — Frederica *entre 1848 e 1859
- N 41 — Fritz * id
- N 42 — Jorge * id
- N 43 — Maria * id
- N 44 — Cecília * id
- N 45 — Felícia *19.11.1860
- N 46 — Luis *8.12.1862

N 47 — Amalia *2.7.1864

N 48 — Leopold *27.6.1866

Luis converteu-se ao catolicismo, pois todos seus filhos foram batizados na igreja católica, inclusive os 4 últimos, em Gaspar, pelo Padre Gattone.

Na "História de Blumenau" do Prof. José Ferreira da Silva, Luis é citado (p. 42) com seu irmão Georg, como tendo prestado muitos serviços ao Dr. Blumenau no estabelecimento da colônia.

Em duas fichas existentes no Arquivo Municipal de Blumenau, há a seguinte referência a Luis: "... que ele era um dos primeiros colonos em Capim Volta, vindo de S. P. A. com seu irmão Pedro e outros, que a linha divisora de seus terrenos servia de limite entre Blumenau e Gaspar, que teve 10 filhos e que sua esposa Gertrudes faleceu em Blumenau em 1904." Ele faleceu em Belchior a 27.11.1874, com 50 anos, 9 meses e 4 dias, (óbito na P. E. B.)

F 6 — *Georg Wagner* (Jorge) *1826 aprox. em Burbach e deve ter vindo a Capim Volta em 1846, pois ele era solteiro e tinha 20 anos.

Casou-se antes de 1857, talvez pelo pastor Hoelzel de Joinville, com Rosaline Voigt, nascida em Hickersrode/Berka, conforme assinala uma ficha do arquivo municipal de Blumenau. Desconhecemos data de seu nascimento e nome dos pais de Rosaline.

Informações sobre sua ocupação e residências, tiradas dos assentos de batismos de seus filhos, indicam que, em 1859 e 1860 ele era colono em Belchior.

Em 1864 residia em Gaspar. Em 1868 ele era morador de Itoupava. Algum tempo mais tarde, ele foi para o Rio Grande do Sul, onde uma filha nasce em 1872. Georg faleceu em Blumenau, de pneumonia, a 14.12.1875, conforme assento de óbito na P. E. B.
Pais de:

N 49 — Mathilde *8.5.1857 em Blumenau

N 50 — Hermann *7.3.1859 id

N 51 — Ferdinand *5.9.1861 id

N 52 — nati-morto *3.12.1863 id

N 53 — Anna Therese *23.12.1864 em Gaspar

N 54 — Georg Erwin *12.8.1868 em Itoupava

N 55 — Ida *18.8.1871 em P. Alegre?

N 56 — Linda *8.5.1872 (?) P. Alegre

N 57 — Hulda *3.4.1874 Blumenau!

N 58 — Johann Richard *20.5.1876 Blumenau (póstumo)

F 7 — *Matthias Wagner* *1828 aprox. portanto pouco antes ou durante a viagem de seus pais ao Brasil. Pode ter vindo com seus irmãos a Capim Volta em 1846.

Casou entre 1850 e 1855, provavelmente em Itajaí, com Anna Maria Theiss *20.2.1833 SPA, filha de Valentim Theiss e de Gertrud

Guth, neta paterna de Jacob Theiss e de Catharina..... e neta materna de Jacob Guth e de Maria..... (Frutos da Imigração p. 204) Os Theiss tinham imigrado também para S. P. A. porém vieram para Gaspar antes de 1850.

Temos a impressão que, depois de casar, Matthias foi residir em Gaspar Alto, o que é mencionado no assento de batismo de um de seus filhos. Um deles, quando casou consta como tendo nascido em Brusque, o que pode também se referir a Gaspar Alto, localizado mais perto de Brusque que de Gaspar.

Não foi possível localizar todos os filhos de Matthias e de sua esposa Anna Maria Theiss, devido a falta de alguns registros. Encontramos apenas os seguintes:

- N 59 — Guilherme *6.9.1856 batizado Itajaí 24.1.1857
- N 60 — Maria Carlotta *22.1.1862, batizada Gaspar 13.7.1862
- N 61 — Philipp Robert *29.5.1865 em Brusque
- N 62 — Gertrud *12.5.1868
- N 63 — Leonide *12.5.1876 Gaspar Alto.

A respeito do falecimento de Matthias Wagner, temos apenas a notícia de uma crônica publicada em "Blumenau em Cadernos" Tomo XIII, p. 96 que diz:

"10.5.1885 morre afogado no rio Itajahy o velho colono Matthias "Wagner, um dos primeiros moradores da região." Entretanto, não encontramos assento de seu óbito no R. C., porém pode ter sido registrado em Brusque.

Na ata de casamento de sua filha Leonide (P. E. B. n° 16) a 5.2.1896 é mencionado que ela é filha de Matthias Wagner, colono em Gaspar Alto, quando, se ele realmente já tinha falecido, deveria isto constar na ata. Estamos assim na dúvida se teriam existido dois Matthias Wagner, Quem sabe se um de seus descendentes possa nos dar melhores esclarecimentos a este respeito.

Fazemos um apelo aos descendentes dos filhos de Georg Wagner (*1784 †1859) e de sua esposa Maria Catharina, n. Kurz (*3.10.1794 †11.10.1878) para que nos comuniquem nomes de netos e bisnetos deste pioneiro, com datas de nascimento, casamento e óbito de todos aqueles que estiverem faltando, para podermos completar esta breve história da família Wagner.

No próximo "Caderno" apresentaremos os 63 netos e os bisnetos de Georg Wagner.

Museu da Família Colonial. Durante o mês de Julho o Museu da Família Colonial foi visitado por 859 pessoas e 15 excursões com 434 visitantes.

Os Italianos no Município de Blumenau em 1900

Memórias do Dr. Giovanni Rossi

Diretor da Escola Agrícola de Rio dos Cedros

Traduzido do Italiano e Condensado pelo Pe. Victor Vicenzi

(Homenagem ao Centenário da Imigração Italiana, 1875 - 1975.)

O Município de Blumenau em 1900, por ocasião do seu 50º aniversário, abrangia toda a área do Médio e Alto Vale do Rio Itajaí Açu, numa imensa extensão e ainda em grande parte inexplorada.

Depois de 25 anos de colonização italiana nas margens esquerdas do mesmo rio, sua população cresceu e multiplicou-se. Assim sendo, Dr. Giovanni Rossi, calcula que nesse ano de 1900, os habitantes de origem italiana tenham atingido a cifra de 20.000, esparsos pelos povoados de Rio dos Cedros, Pomeranos, Tiroleses, Rodeio, Ascurra, Guaricanas, Apiúna, Valsorda e Nova Trento.

A maior parte dessa gente procedia do Trentino, politicamente sob o domínio da Áustria, embora o povo fosse na sua quase totalidade de origem itálica. A outra parte já bem menor, era de origem vêneta e lombarda.

Dr. Giovanni Rossi, Diretor da Escola Agrícola de Rio dos Cedros, diz: "A imigração é um daqueles fenômenos, que obedecem a leis ainda não bem conhecidas, cujos fatores são múltiplos. No caso atual se trata em geral de operários, de pequenos proprietários, que tinham suas condições econômicas muito precárias desde há alguns anos, causadas por uma série de safras deficientes e por uma soma de outras circunstâncias, que fizeram da Europa a "crise agrícola".

O ambiente era de descontentamento e a propaganda ajudou o êxodo em massa. Lendo e ouvindo ler os opúsculos e jornais otimistas, que se distribuam por toda parte, promovendo uma campanha verdadeiramente emigratória, aquela gente foi se entusiasmando e, em 1874, nas aldeias do trentino, como em outras partes da Itália, só se falava da América e do Brasil."

Ainda se cantam por aqui aquelas cançonetas, que ecoavam pelos povoados de Trento naquela época distante e que incitava o povo a partir para o estrangeiro como estas e outras semelhantes:

Biblioteca Municipal "Dr. FRITZ MÜLLER"

Movimento durante o mês de Julho

Obras existentes, 50.814 — Entradas durante o mês, 856

Empréstimos, 995 — Consultas, 1.658

Consultas no Arquivo, 78

Vostu vegnir Nineta
Vostu vegnir con me
Vostu vegnire in Mèrica
A travagliare con me

Mi si che vegneria
Sel fussa li a Milan
Ma per andare in Mèrica
L'è massa via lontan

Mèrica, Mèrica, Mèrica
Cosa saralo stà Mèrica
Mèrica, Mèrica, Mèrica
L'è un mazzolino di fior

Oi cara mamma voi cento lire
Che in Amèrica voglio andar

Le cento lire mi te le dago
Ma in Amèrica ò figlia nò.

I suoi fratelli sulla finestra:
Cara mamma, lasciela andar

Và pure, ò figlia ingrata
In mezzo al mare potrai restar.

“O primeiro grupo de imigrantes que chegou a Blumenau no ano de 1875, experimentou certa desilusão ao encontrar em vez da desejada cidade, alguns barracões e algumas casas de madeira. Mas por aquela espécie de egoísmo humano que deseja no perigo e na miséria, maior aglomeração de gente para se encorajar mutuamente, antes de encarar a segurança e o bem estar, aquele primeiro grupo que chegara a Blumenau, antes mesmo de tomar conhecimento das dificuldades que sobreviriam, escreveu aos parentes e amigos da sua terra natal, dizendo que todos se encontravam bastante contentes nas novas terras.

Diante disso a corrente emigratória, tornou-se irresistível e todo o elemento econômico e psicologicamente predisposto, embarcava sucessivamente em grupos diversos, nos anos seguintes, em busca da “terra prometida”.

Toda aquela gente trentina, que aqui aportou, era forte e sadia, temperada pelo clima áureo das montanhas alpinas, para o exercício dos trabalhos campestres e pastoris.

Se as condições econômicas, portanto, lhe tivessem permitido uma alimentação abundante e substanciosa, sem sofrer sob o peso de um trabalho excessivo como foi nos primeiros anos da colonização, a população trentina teria tido condições físicas ainda melhores do que possuía. Assim se diga também, da população lombarda e vêneta.

Embora o novo clima desta região do Vale peque pelo excesso de calor e de humidade no verão, a saúde física das populações era boa. A anemia, “mal di terra”, entretanto, era a enfermidade que mais atacava naqueles primeiros 25 anos mas que aos poucos iria desaparecendo, em vista das circunstâncias de higiene e alimentação, que se espera obter diante do inevitável progresso da civilização e do bem estar comum.

Acredita-se que pelo desenvolvimento da instrução, se virá a conhecer a medicina, a obstetrícia, a higiene e a farmácia, que são os meios capazes de salvar a vida humana.

Então o cepticismo e o fatalismo que hoje dominam no meio ambiente, desaparecerão. Os “compadres” e as “comadres” deixarão

de exercer as funções sanitárias e as colônias de origem italiana, terão médico, hospitais, farmácias, pessoas e coisas, que agora somente são encontradas em Indaial ou Blumenau a 25 e a 50 Km de distância.

O imigrante italiano era um povo inteligente, mas mantido sob o jugo da sub-cultura. Era difícil na Itália ultrapassar o curso primário. Bastava saber ler, escrever, fazer algumas continhas e conhecer o catecismo.

A infra-estrutura da época consistia em manter o povo mais humilde, na ignorância e no semi-analfabetismo, para que dessa maneira, não viesse a compreender a sua situação real em que estava submergido.

A Áustria, suspeita de irredentismo nas províncias italianas de Trento e Tirol, sob seu domínio, não se interessava da instrução secundária e superior. Dava-lhe apenas a oportunidade do estudo primário. Por isso era difícil entrar nas famílias a leitura de jornais e livros instrutivos.

Nas colônias o próprio povo era quem se interessava em ter em cada comunidade a sua escolinha e o seu professor, que embora sem grande capacidade, com exceção de alguns, administrava a contento a escola primária, sustentada pela própria comunidade e mais tarde subvencionada em parte pelos consulados italiano e austriaco.

Não é de se estranhar, portanto, que o programa didático nas escolas da mãe pátria e nas escolas coloniais consistisse simplesmente na aprendizagem em ler, escrever, fazer contas, catecismo e história sagrada.

As outras disciplinas poderiam ser perigosas ao progresso e à política de domínio público, feudal e particular. Assim as jovens gerações ignoravam o mundo físico, social, intelectual e político, que apesar de tudo existia realmente logo aí ao lado de suas propriedades.

Contudo, nas novas terras que o povo italiano colonizou sem aquele conforto próprio das cidades e aldeias européias de sua origem, pode-se afirmar conscienciosamente, que o proletariado agrícola é possuidor de condições de vida muito melhores daquelas abandonadas do além mar. Isso não é uma opinião subjetiva, mas é a convicção dos colonos anciãos em geral. Nenhum deles voltaria "alle amate sponde", para aí de novo viver naquelas condições econômicas e políticas do passado.

Pode-se mesmo afirmar, que em 25 anos, as colônias progrediram e as populações já agora gozam de relativo conforto e bem estar.

Terminando este estudo bastante sintetizado do povo de língua italiana, que o Dr. Giovanni Rossi, nas suas memórias apresentou, conclui dizendo:

"Dr. Hermann Blumenau, conhecedor de homens e de coisas, recebeu com alegria a colonização italiana, considerando-a como um elemento de progresso para toda a região, que além disso trazia o benefício de afastar para o interior os índios, que devastavam as colônias alemães.

Ele foi sempre bondoso e atencioso para com os colonos

italianos e a sua memória entre os velhos trentinos é ainda venerada e honrada até o presente. Eu creio que o Dr. Blumenau não se enganava pensando assim. Apesar das deficiências mencionadas, a população de origem italiana, pela sua inteligência, pelas suas virtudes, pelas suas atividades, pelas suas qualidades cívicas e sociais e especialmente pelas suas atitudes latentes que o tempo deverá desenvolver, é e será sempre um excelente enxerto na árvore majestosa da grande Pátria Brasileira.”

Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

JOSÉ ANTÔNIO DE AMORIM

José Antônio de Amorim nasceu em Itajaí, no ano de 1841, filho de Antônio João de Amorim e de Margarida Bellino de Jesus.

Em 1866, com 25 anos de idade, juntamente com outros nativos do litoral catarinense, especialmente da Barra do Itajaí Açu, ocultou-se em Rio Morto. A essa época, a área mais afastada de Blumenau, medida e ocupada pelos imigrantes alemães, era Indaial. Daí para cima, em ambas as margens do Rio Itajaí Açu, tudo era ermo e inóspito. Somente em 1871 é que os agrimensores do Dr. Blumenau procederam à medição da zona do Rio Morto, onde, com surpresa, encontraram um núcleo de moradores, todos caboclos, instalados em toscos casebres, já com plantações e animais domésticos, etc. O Dr. Blumenau respeitou-lhes a posse, destinando-lhes um lote para cada família, recenseou seus moradores, incorporou o núcleo à Colônia e nomeou Laurentino José de Andrade para Inspetor de Quarteirão, que, além de manter a ordem, era encarregado de declarar os nascimentos e óbitos, nos registros da Colônia, conforme consta no arquivo do Cartório Getúlio Braga, de Blumenau.

A presença desses moradores em Rio Morto originou-se do fato de que em 1866, o Governo Imperial, visando reforçar as tropas brasileiras em operações na Guerra do Paraguai, havia lançado mão do recrutamento de todo o elemento, do sexo masculino com idade e em condições de ser incorporado às fileiras do Exército. Foi para se subtrair a essa convocação compulsória que um punhado de patrícios refugiou-se no então ermo Rio Morto, assim por eles denominado por formar o Rio Itajaí Açu nessa área, extenso remanso, de águas calmas e naturalmente piscosas.

Se por um lado esse procedimento foi nada lisonjeiro aos brios e sentimentos patrióticos desses patrícios, por outro foi ele muito benéfico, mais

tarde, aos imigrantes alemães, de vez que, conhecedores da natureza e das terras e já estabelecidos com roças de cana, mandioca e outros produtos, além de animais domésticos, prestaram valiosa ajuda às zonas limítrofes de posterior colonização alemã e em 1875 a italiana. Além disso foram esses patrícios que propriamente deram início ao catolicismo na Colônia Blumenau, a essa época praticamente inexistente. É que, com o término da Guerra em 1869, os moradores de Rio Morto, livres dos motivos que os levaram a refugiar-se, construíram, em 1870, tosca casa de palmitos, medindo 4x6 ms., localizando-a nos fundos da morada de Basílio Correia de Negredo. Nesta casa é que Pe. Guilherme Antonio Mário Roemer, então vigário de Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, realizava batizados e outros atos religiosos. Em sua primeira visita a Rio Morto, ocorrida em 6 de dezembro desse ano, entre outras crianças, Pe. Roemer batizou Thomaz, nascido em 1º. de junho de 1869, filho de Pedro José d'Alcântara e de Felícia Rosa de Jesus.

Nessa mesma casa é que, de 20 a 27 de janeiro de 1874, Pe. João Maria Cybêo, missionário jesuíta de Nova Trento, pregou as Santas Missões, motivo por que passou a ser denominada de "Casa da Missão".

Somente em 1875 é que os católicos, moradores de Rio Morto erigiram sua primeira capela, que dedicaram a São Francisco Xavier e foi ben-ta em 12 de fevereiro desse ano, por Pe. Carlos Boergerhausen, vigário de Joinville. Nessa ocasião, entre outras crianças, Pe. Carlos batizou Maria, nascida em 17 de dezembro de 1874, filha de Pedro Paulo Pereira e Maria Deolinda de Jesus.

Foi seu capelão, Manuel Salvador Henrique do Nascimento, mais conhecido por Maneco Salvador, fiel amigo do Pe. Cybeo, cargo que exerceu até avançada idade.

Esta capela foi visitada pela primeira vez por Pe. José Maria Jacobs, nomeado primeiro vigário da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, em data de 29 de setembro de 1876, ocasião em que efetuou 13 batizados.

Em 1880, depois da grande enchente desse ano, os católicos de Rio Morto construíram nova capela, localizando-a em cima do morro. Media 6x10 ms., com côro e sacristia. Na sua construção, destacou-se Basílio Correia de Negredo, que fôra dedicado auxiliar do engenheiro Emilio Odebrecht, nos trabalhos do traçado da Estrada Blumenau-Curitibanos e que faleceu em 4 de abril de 1909, em Rio do Sul, onde foi balseiro, por longos anos. ,

José Antônio de Amorim, casando-se com Generosa Ricarda de Jesus, filha de Francisco Antônio de Souza e de Ricarda Maria de Jesus, teve dois filhos: Miguel e Antônio, nascidos em Rio Morto.

Em 1876, José Antônio de Amorim, mudou-se para Ascurra e, como um dos primeiros moradores, a direção da Colônia destinou-lhe o lote nº. 166, da linha margem esquerda do Rio Itajaí Açu, situado entre a foz do Ribeirão São Pedro e a do Ribeirão São Paulo, em Ascurra, onde o casal teve mais cinco filhas: 1) Margarida Generosa de Amorim, nascida em 5 de janeiro de 1885, casou com Francisco Barcellos; 2) Gertrudes de Amorim, nascida em 1886, casou com Clemente Demarch, filho de Giuseppe Demarch, ocupante do lote vizinho; 3) Francisca de Amorim, nascida em 4 de março de 1888, faleceu solteira; 4) Custódia de Amorim, casou com Manoel Catarina e 5) Rita de Amorim, que casou com José Elísio.

José Antônio de Amorim foi de muita valia para os pioneiros de Ascurra, nos anos iniciais do seu estabelecimento no Ribeirão São Paulo. Foi ele que os orientou sobre a época do plantio dos produtos de lavoura, as madeiras, os animais e pássaros de caça, seus nomes, utilidade e aproveitamento, etc., identificando-se de tal modo com os imigrantes italianos a ponto de ficar por eles absorvido, nos seus costumes; no dialeto italiano que falavam e até no próprio nome, que passou a ser conhecido por "Morina", nome pelo qual foi registrado seu óbito, no Cartório de Indaial, pelo então Inspetor de Quarteirão Alessandro Zonta, em 12 de junho de 1901. Contava 60 anos de idade, tendo sido a causa registrada "de tosse", que julgamos tratar-se de pneumonia galopante.

Seus restos mortais foram inumados no antigo cemitério situado de frente à atual Igreja Matriz, transferido em 1920 para os fundos da mesma.

Tecelagem Kuehnrich S. A. - Comemora 50 anos

Neste ano de 1976, a Tecelagem Kuehnrich S. A. situada em Blumenau, comemora seus 50 anos de existência.

Iniciando com uma pequena fábrica de acolchoados em 1926, a indústria prosperou, graças à capacidade de trabalho de seu fundador, Sr. Paul Fritz Kuehnrich, cidadão possuidor de larga visão e de grande amor ao trabalho.

A Tecelagem Kuehnrich S. A., é hoje em dia uma das grandes indústrias de Blumenau e seus artigos são largamente disputados nos mercados internos e externos, dado suas altas qualidades.

Contando com mais de 1.800 funcionários, colabora eficientemente no desenvolvimento de nossa cidade, para orgulho do Estado de Santa Catarina e do Brasil.

Aos dirigentes dessa notável indústria, nossos amigos, enviamos os nossos mais efusivos cumprimentos, formulando votos para que continue nessa faina, para o bem da comunidade blumenauense.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

CATARINENSISMOS, de Theobaldo Costa Jamundá
Editora EDEME/UEDESC — 1974

Só agora tivemos oportunidade de ver de perto esta obra, embora dela já tivéssemos ouvido falar bastante. O autor, nascido em Pernambuco, fez de Santa Catarina a terra natal de seu coração. Casou aqui e aqui constituiu família. E morando na terra catarinense há muitos e muitos anos (seriam mais de 30 ou quase 40?), resolveu colocar em livro tudo aquilo que ele captou em termos de povo/gente, costumes/tradição, arte/literatura e mais o que se lhe apercebesse sobre esta terra dadivosa que lhe deu guarida, merecidamente como a um filho mui querido. Foi assim que surgiu este livro, "Catarinensismos", um ensaio e uma exaltação, ao mesmo tempo, ao Estado de Santa Catarina. Assim como há passagens históricas no correr da pena de Jamundá, também os há em forma pitoresca. Como este trecho em que ele escreve: "Conheci algumas pessoas nascidas em comunas independentes da de Blumenau, porém pertencentes à área da Bacia do Itajaí, que perguntadas sobre o local de nascimento, respondiam que nasceram em Blumenau. Davam a resposta procurando afirmação no conceito nacional que o nome Blumenau desfrutava". "O ponto de vista de Jamundá sobre o nosso Estado pode ser percebido claramente, nesta afirmação: "O estado de Santa Catarina tem complexidade peculiar, esta o faz sem similar na República Federativa do Brasil — é preciso aceitar o Estado de Santa Catarina: povo, paisagem humana e maneira de ser, exatamente como ele é". "No capítulo 4, "Temperados com sal da terra", o autor faz referências a nomes importantes da política, da literatura, da poesia catarinense. Por exemplo, sete páginas são dedicadas a Lindolfo Bell e ao seu movimento que ficou conhecido como Catequese Poética.

Ao final do livro, Theobaldo Costa Jamundá nos brinda com ilustrações. E que ilustrações! Ora é Frei Ernesto Emmendoerfer, ora são exemplos típicos de construções germânicas ou de origem portuguesa. Ou, então, antigas fotografias de clubes de tiro, tão tradicionais na região de colonização alemã. Por tudo isso, o livro é muito importante para uma análise que se pretenda fazer sobre a terra e gente catarinenses. A capa, um trabalho do artista Laércio Costa, tem as cores oficiais do Estado.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ATRAVÉS DO CONTO E
CRÔNICA, de Maria de Lourdes Ramos Krieger
Editora Lunardelli, Florianópolis, 1976

Os Editores esclarecem, logo no início, que o presente livro não pretende substituir nenhum livro-texto das aulas de Comunicação e Expressão, mas sim auxiliar nas atividades extra-classe. E este é o primeiro de uma série que deverá ser editada periodicamente, especialmente para os alunos das 7^{a.} e 8^{a.} série do 1^o grau e primeira série do 2^o grau.

Aliás, escreve a autora uma nota inicial, dirigida aos professores, em que ficamos sabendo tratar-se de textos selecionados entre os que mais agradaram a estudantes daquelas séries. Depois de cada conto, crônica ou poesia o aluno (leitor) encontra alguns dados sobre o autor; uma análise sobre o texto e algumas sugestões para analisá-lo, em forma de testes e questões. Os escritores e poetas incluídos nesta pequena antologia são oito: pela ordem, Rachel Liberato Meyer, Cesar Valente (cuja resenha biográfica, escrita por ele mesmo, a pedido da autora, deu motivo a que fosse aproveitada também como texto para estudo), Paulo da Costa Ramos, Jair Francisco Hamms, Murilo Sebastião Krieger, Sérgio da Costa Ramos, Péricles Prade e Arnaldo Brandão. Todos catarinenses. O que poderia ser perfeitamente definido por Jamundá como um verdadeiro "catarinensismo". Mas coloquemos de lado o aspecto didático da obra e tentemos analisá-la do ponto de vista literário. Como vimos, a seleção foi feita de acordo com a preferência de um determinado número de alunos. Seria acertada esta medida? Talvez possamos atribuir a uma coincidência, mas deu certo.

Excelentes textos, recolhidos de obras ou escritos esparsos dos vários autores. O conto "A Viagem", do saudoso Arnaldo Brandão, é qualquer coisa de poético. A visão que ele tem da paisagem, do bucolismo de uma região como a do Vale do Itajaí, é digna de ser mencionada. A ação descreve uma viagem de trem entre Itajaí e Blumenau, no tempo em que existia esse serviço. E Ilhota, Gaspar (com suas duas igrejas, altivas, cada qual numa colina), a chegada a Blumenau e a visão do hospital (então o maior edifício da cidade), com a torre da igreja matriz, já a moderna, a marcar 11 horas, são passagens marcantes neste conto de Brandão.

De Péricles Prade, jornalista e escritor nascido em Timbó, está presente um conto fantástico, extraído da obra "Os Milagres do Cão Jerônimo". Trata-se de "A Dentadura", e começa assim: "Enquanto dormia, a dentadura saiu do vaso, tranqüilamente, e caminhou até a cozinha onde comeu todo o bolo. "E a dita cuja dentadura resolve sair pelas ruas, a conhecer o mundo. Até que tenta defender uma bela menina que estava sendo esmurrada por um negro. E este é o impacto final do conto: "No dia seguinte o senhor Pirandelo (dono da dentadura), ao procurar a dentadura na secção de furtos e roubos, ficou perturbado com a voz de prisão."

E Sérgio da Costa Ramos vem com "Duas Salas e Três Gerações", onde evoca Silvio Caldas, Caymmi e Dolores Duran, além de referir-se à jovem guarda, mostrando o conflito de gerações. Gostaríamos de alongar-nos na apreciação, mas os contos são muitos e o espaço desta secção, pouco. Todavia, resultou muito boa a seleção de Maria de Lourdes Ramos Krieger e de seus alunos. Tão boa que, mesmo sem estudar Comunicação e Expressão, o livro é sorvido com bastante interesse. A criação da capa foi entregue mais uma vez a Orlandivo Nocetti Júnior. E como sempre, muito bom o trabalho.



A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

— Porcos, disse Nestor, davam bom lucro apesar da banha estar de "arrasto". Mesmo assim naquela era de desperdício, muitos donos de fazendas plantavam milho em abundância e quando o milharal estava para colher soltavam na roça varas de porcos. Logo que estavam cevados, faziam uma carnificina, apuravam carne e banha, vendiam-na e viviam folgados algum tempo. Anos depois desta época houve um que plantou a exorbitância de três sacos de semente, cerca de cento e oitenta quilos. No tempo da colheita recolheu aos paióis o fruto de mais ou menos um saco de semente. O resto foi devorado pelas varas de porcos. Fez a matança, apurou o dinheiro da carne e banha, comprou um automóvel e saiu a passear com sua esposa. Tudo era mais fácil porque descordia-se a mão de obra que é o tormento de nossos dias. Os peões trabalhavam pelo sustento e alguns fazendeiros permitiam que de cada quatro bezerros nascidos um pertencesse ao peão. Sempre há os heróis, eram poucos os que tinham esta compreensão. Se bem que a vida era mais trabalhosa, contudo havia mais paz de espírito e o povo era mais alegre, menos egoísta. Bertulina esperava junto ao fogão. Ao entrar disse Nestor:

— Pode servir a ceia. O pessoal está com fome. Já avisei, todos vão cear comigo. Mesa só havia uma pequena. Por isso cada um tomou o seu prato de folha com uma colher e passaram junto ao caldeirão que ressumava vapores do gostoso "revirado". Nestor e Marcos sentaram-se numa espécie de girau, dois pés em X e a parte que servia de assento presa à parede. Outra parte da sala também estava serda com bancos presos à parede. Nesses bancos sentavam-se os peões e trabalhadores. Uns comiam de pratos de folha e outros de pratos esmaltados. Outros muitos comiam da cuia ou de cocos da baía cortados ao meio. A princípio todos comeram em silêncio. Nestor por fim falou-lhes da viagem, mas não do que eles pretendiam ouvir. Somente que vendera o gado, fizera bom negócio e trouxera um amigo de outros tempos a visitar a estância.

No meio da alegria geral terminou a ceia. Dois caboclos passaram a tirar versos e neles preconizaram a necessidade de o patrão casar. A vida de solteiro é boa para quem não quer nada, mas quem quer ter propriedade precisa ter mulher para zelar e filhos para herdar.

Nestor agradeceu e mesmo achou graça em alguns versos, todavia permaneceu mudo a respeito de suas intenções. O caizara em seus costumes é firme e em matéria de casamento não dá com a língua nos dentes. Conversa com a moça aos sábados. Nos domingos antes e depois do terço. Ao chegar o noivado é que passam conversando as tardes de domingo. Fora disso é tudo dentro do rígido costume que herdaram dos pais. Muito respeito pela filha do vizinho. Desrespeitada a moça, a justiça é feita a bala. Famílias inteiras acabaram se assassinando de

ambas as partes porque uma jovem fora deshonrada. Hoje tudo isto terá mudado, já que para uma grande maioria desvirginar uma jovem é coisa corriqueira, sem importância até. A moral desceu até o lodo e aguarda-se o em que vai dar tudo isto. Inconscientemente a humanidade animalizada vai semeando o mundo de filhos de ninguém. Estes por sua vez fazem o papel de assaltantes, ladrões assassinos, estupradores, tarados enfim. Para o interior talvez ainda muita coisa permaneça em seu devido lugar.

Circunspecto Nestor silenciou a respeito do que lhe ia na alma. Acabando de ouvir as trovas, tomou o violão e começou a cantar uma canção que ouvira em Bela Vista. "O meu boi barroso... Terminada a canção todos aplaudiram. Depois entoou: "Neste mundo não pretendo mais amar. Depois abriu na serenata que lhe dera ingresso na casa do futuro sogro: Vem à janela, querida...

Marcos saiu do local onde esteve sentado e foi até à janela. Uma emoção se apoderou de seu coração ao ver como era amada sua filha por este homem singelo, tão amigo de todos.

Ao terminar a canção, guardou o violão e despediu os empregados. Era quase meia noite. Um estilhaço de lua nascia lá para as bandas do mar. Os austeros pinheiros feitos sentinelas negras vigiavam a escuridão abrandada agora por um pálido luar. Como não havia camas, Marcos, Lino e Felício aboletaram-se sobre os pelegos e a cilha servia de travesseiro. Cobriram-se com os palas inseparáveis e dormiram um sono só, facilitado ainda pelo ruído das águas.

No outro dia Marcos, Lino e Felício ajudaram na marcação do gado. Os peões haviam separado o gado para corte bem como para criação e rebanho. Os novilhos e novilhas de dois anos foram levados à mangueira para serem marcados. Junto às novilhas juntara-se uma vaca brava. Ao perceber os peões levantou a cola e partiu em disparada. Estes, porém, já haviam traçado o seu plano para laçá-la. Mais uma façanha, pois esses animais são perigosos. Chico, o mais hábil peão da fazenda, traçara com dois outros o roteiro. Se a vaca os percebesse, naturalmente correria em sentido contrário. Por isso mandou os peões por longe. Ao perceber os cavaleiros quebrou para trás em direção do Chico. Era o que ele queria. Perseguida pelos dois peões ela avançou sobre Chico que a esperava bem montado. A princípio ela desprezou o cavaleiro, mas a presença dos dois peões fizeram-na enfurecer-se ainda mais e tendo já passado por Chico, este lançou o cavalo a todo galope e manobrou o laço a todo comprimento. Sentindo-se laçada voltou sobre os pés e arremessou-se contra o cavalo e cavaleiro. Chico a modo de espantinho quis fazê-la recuar e o cavalo amestrado ia fugindo. Numa infeliz manobra o cavalo rodou e Chico caiu fora no momento em que as pontas se enteravam e destripavam o cavalo.

Animada pelo sucesso partiu sobre o cavaleiro, agora desajudado, a pé correndo em ziguezague, socorreu-se de uma única árvore que existia naquele ermo. Uma "mamica de porca" assim chamada por suas excrescências espinhosas em forma de mamas de leitoa. Para gato em apuros telhado é vargem. Premido pelos chifres da vaca, cada vez mais perto. Sem entrever outro modo de escapar, a vaca já arrebentara o laço, Chico

atirou-se ao feroz arbusto e subiu num abrir e fechar d'olhos. Na subida forçada foi deixando pedaços de calças, camisa e sobretudo pedaços de pele nos agudos acúleos, que quebrados ficavam enterrados na carne. No momento Chico nada sentia, queria estar livre dos cornos da vaca.

Um ah! de alívio partiu de todas as gargantas, quando a vaca deu um soprão que parece ainda auxiliou o Chico na subida. Os pés, as pernas do peão estavam em tiras e o sangue escorria. A árvore não muito desenvolvida inclinava-se com o peso do homem. O animal feito uma fúria escarvava o chão. A chegada dos dois peões fizeram-na partir a galope e dois laços quase simultaneamente lhe caíram por cima da galhada e a foram levando. Quando avançava no da frente o de trás puxava ou vice-versa e a conduziram à mangueira onde gemeu no ferro em brasa.

Trabalho foi descer o Chico da árvore fatidica. Faltava o soprão da vaca. Suportar a galhofa da turma. Quem tem o prejuízo não precisa preocupar-se com zombarias, disse todos se encarregam. Também o Chico não escapou e dizia o Janjão: Voimice subiu com o vento das ventas do bicho. Ôie qui é uma força. Dizia o Bastião: Pudera! Só mermo vaca brava pra fazê o Chico subi em mamica de porca. Chico do alto da árvore inimiga limitava-se a olhá-los sem dizer palavra. Quem estava ferido era ele, ninguém sentia o ardume, a dor portanto era fácil fazer chacota.

Como a árvore tinha espinhos somente até certa altura, limpamos a facão e a muito custo o Chico todo lanhado e rasgado pode descer.

— Antes lanhado de espinhos do que aparado nos chifres de uma vaca, heim! falou Nestor, com ponta de ironia.

— Até o senhor! exclamou o Chico manquejando em direção à mangueira. Janjão e Nestor o ampararam e o levaram para casa onde Bertulina preparou uma salmoura para evitar ferida ruim como dizia. Chico suportou heroicamente o difícil trabalho de extrair os acúleos. Dias depois já estava montado de novo.

A vaca deu ainda que fazer até amansar. Mais tarde ao dar cria foi boa leiteira. Nunca mais suportou a presença de Chico, sempre que se aproximava ela avançava. Jamais esquecera o episódio do campo.

Para Marcos e seus dois filhos fora um dia cheio. Nestor acompanhou com visível entusiasmo o trabalho deles. Ambos os jovens se revelaram bons cavaleiros e foram admirados pelos peões. Estavam tão competidos que mal perceberam que o dia se inclinava para o fim. Nestor deu o trabalho por findo.

Os peões seguiram em frente e passaram a mungir as vacas. Por sobre as altas copas dos pinheiros voavam agora bandos dourados de papagaios. Uma brisa temperava os ardores do dia e zuava brandamente nos capões próximos. Os últimos raios de sol distendiam-se entre as frinchas das árvores. Um bando de anuns planava nos ares em busca de pouso. Inhambus dobravam em trilos festejando a despedida do dia. O sol declinando, incendiou de rubro todo o horizonte e mergulhou por fim na catástrofe do ocidente. Silenciosamente desceu a noite sobre as coxilhas e pradarias. O gargalhar de uma coruja prenunciou augúrios. Era noite.

Quantas vezes, àquela hora merencôrea, Nestor sentado sobre um topo de pinheiro, olhava o horizonte que se arredondava pelo infinito.

Avistava nos longes o azul das montanhas por sobre as quais se debruçava como um toldo líquido o imenso azul do firmamento.

Lentamente o crepúsculo derramava sorrateiro o véu da noite. Um maçarico traçava com seu ruído característico seu vôo de meia-lua. A solidade dessa hora era quebrada pelos apitos em dueto das saracuras. O gado deitado, ruminando. Um ou outro berro acordava o sossego da noite.

Ele, só, lutando para crescer, lutando para tornar-se estancieiro respeitado via os dias passarem e do íntimo surgia a pergunta:

— Ela me amarã, como eu a amo?

Baixava a cabeça e uma profunda melancolia se apoderava de sua alma naquelas horas crepusculares, em que uma imensa tristeza parecia descer dos céus.

— E se ela já pertencer a outro?...

O sangue de jagunço lhe fervia nas veias. Confiava então tudo a sua boa estrela e dentro da noite tornava à casa deserta. Agora recostado, por instantes, num toco de bracatinga parecia ouvir vozes e alegre música brotar dos recônditos para solenizar a hora da esperança, em breve gostosa realidade.

Após a ceia os peões ficaram na pequena sala tomando chimarrão e comendo pinhões. Nestor traçava os trabalhos do dia seguinte e ficava depois escutando os famosos "causos" ou recordando as peripécias do dia. Depois vencidos pelo cansaço, iam-se retirando. Os encantos do dia mergulharam Marcos e seus filhos em sono profundo.

Dois dias depois Marcos e os filhos apeavam junto de sua casa em Bela Vista e eram recebidos por Magda e Elisa com aquela alegria de chegada. Mais feliz estava Elisa por ver confirmada a conversa de Nestor. Agora não via chegar o dia em que ele viesse buscá-la para passar uns dias na estância em companhia de seu novo amor.

Voltou a cantar e tornou-se a jovem alegre que deixara de ser, quando da trágica morte de seu namorado de infância.

C A P Í T U L O X I

Veio o inverno e novamente a primavera. Numa aprazível encosta, cujo fundo dava para um boqueirão, foi o local escolhido para a construção da casa. Como Nestor sempre tivesse em mente um possível ataque dos jagunços, construiu a casa de modo a proteger-se no caso de um assalto. Disposto a vender caro a sua pele, fortificou-se a grosso modo.

Da zona de plantação emanava um fio d'água que passava junto à casa, engrossado numa torrente. Essa água ele havia utilizado para movimentar, mais abaixo o monjolo. Da canalização para o monjolo desviou numa calha água para o cocho de lavar roupas. Em tudo pensou o jagunço antes de conduzir a bela como dona de sua residência.

Faltava, contudo, algo. Em caso de ele não vencer em combate... fugir para onde?

Na fazenda tudo seguia seu livre curso.

Num domingo, pela manhã, ele desceu ao boqueirão e examinou detidamente aquela região. Um carazal verde, denso, subia pelos empinados contrafortes da pirambeira. Enormes pinheiros erguiam-se sobranceiros, saudando por primeiro o nascer do sol. A mata era espessa, entrelaçada de cipós e arbustos crivados de galhos. Mata de penosa penetração. Avançando no intrincado percorrera já boa parte da valada, quando ao chegar ao fundo do boqueirão deu com uma trilha de caçadores. Parou diante do achado e pôs-se a vasculhar a saída. Satisfeito, após mais de uma hora de caminhada, retornou e, seguindo o trilho em direção a casa, constatou que o mesmo realmente ia dar ao campo. Rastejando sob o carazal veio até o perau em cujo cimo se erguia a nova casa.

Conservou consigo o segredo e nunca o revelou a quem quer que fosse. Nem jamais falou que ele estivera no boqueirão. Local inóspito, com tanto campo aberto, quem iria meter-se naquele emaranhado.

Certo dia em que Bertulina costurava na máquina de mão que lhe comprara e os peões se ocupavam nas lides rotineiras, Nestor abriu a picada e desde então sempre a conservou aberta, menos a entrada oculta pelo carazal e que só ele conhecia. Houvesse o assalto, essa picada seria a salvação...

Agora que tudo estava de acordo, restava-lhe trazer para a estância a dona do seu coração. O tempo diria quão acertadas foram as medidas que tomara.

Desceu a serra e foi encontrar-se com Elisa no planalto de Bela Vista do Toldo. De fato o nome justificava o panorama. Daquele alto se avistavam as araucárias a perder de vista. E por que se chamava Toldo? Falta-nos certeza absoluta, mas cada localidade, geralmente apresenta algo de especial para trazer tal e tal nome. Aqui, no caso, sem medo de errar, acreditamos seja por um estranho proceder do clima. No inverno o local se cobria com uma neblina densa, baixa como um toldo e, de noite, a névoa sumia. No outro dia um branco lençol de geada cobria campos e matos. Em lugar do almejado sol vinha o toldo de neblina cobrir o céu. A geada, às vezes, nem chegava a derreter e à noite, novamente, um belo céu estrelado, sem uma nuvem, se abobadava sobre o panorama de Bela Vista. Caía geada sobre geada. Esse toldo de cerração, que fatalmente no outro dia, estava presente, conservando o frio de tal maneira que na escola punham-se baldes com terra no corredor e sobre o barro acendia-se um togo de nós de pinho. Sem essa medida seria impossível escrever. Que sacrifício para as crianças deixarem o leito? Cremos que esse toldo de bruma diária no inverno justifica o nome de: Bela Vista do Toldo. Contemplando a descoberto o belo panorama estava Nestor, antes de penetrar no recinto onde residia a sua amada. Havia movimento na zona. Nestor logo pressentiu que seria "Carreiras". De fato, num terreno que corria ao longo da extrema de Marcos haviam sido abertos dois trilhos paralelos. Era a raia. Ali corriam carreiras. Ali se defrontavam os adversários montados em seus parreiros. Belos cavalos ricamente ajaezados. Muitos detestavam as carreiras porque eram locais de crimes e vinganças de desafetos. Raramente ocorria uma carreira em que não houvesse um crime ou mais. Fora marcada para sábado uma carreira naquela raia. Iam correr uma egüinha moura e um cavalo alazão. Todo mundo acorreu. Era um dia de

festa. Nos dias anteriores já apareciam os mercadores de bugigangas. Mulheres de vida fácil tinham a sua vez. De quando em quando, durante o dia, montados em bons cavalos sumiam aos pares no samambaial. A imoral teve sempre o seu lugar em todos os tempos.

Junto à raia havia também bebidas, comes e bebes à moda dos tempos.

Nestor acompanhou por espaços o vai e vem dos cavaleiros e amazonas. Carroças tiradas por bons cavalos, repletas de passageiros, ou membros da família que vinham assistir ao espetáculo. Os cavalos que iam correr também chegavam para um repasso. Tendo apreciado o movimento, quase ao escurecer dirigiu-se à casa de Elisa. Com muita alegria foi saudado pela jovem. Toda família alegrou-se com a visita.

No dia seguinte ele saiu em companhia da família de Elisa para ver de perto a carreira. Todos admiravam o jovem casal de namorados. Elisa um pouco corada estava mais linda que nos outros dias. Vestia uma bata de cor azul-clara que lhe caía sobre os delicados pezinhos. Uma blusa branca abotoada sobre a cintura ostentava um broche de ouro sobre um seio. No coque trazia um grampo de tartaruga que tinha também a sua graça. Nestor não cabia em si de felicidade. A seu lado estava a jovem que conquistara com anos de duro labor. Via coroado todo o seu esforço.

— Nestor!

— Que é, minha flor?

— É mesmo tão longe até aquela Estância?

— Dois dias de viagem, folgados.

— Gostava de conhecer aquele recanto antes de me ligar a você pelo casamento.

— Por que minha Elisa?

— Tenho receio de não gostar de lá! exclamou arrancando um broto de samambaia que crescia ao acaso e fitou o namorado que a olhava desconcertado.

Com esta não contava o pobre moço. Que sua futura noiva desgostasse do lugar, jamais lhe passara pela idéia. Parecia estar tudo perdido. Demorou a falar pelo que Elisa perguntou:

— Você se zangou com o meu dizer?

— Não! redargüiu prontamente. Para ser franco jamais me passou pela mente de que você pudesse não apreciar o lugar de sua nova e futura morada. Nesse caso o nosso amor ficaria empanado, porque teria de me mudar de lá onde tenho quase tudo que um homem pode desejar.

— Para evitar dúvidas, falarei com meu pai e viajaremos até lá, disse resoluta.

— Elisa, você quer fazer esta viagem duas vezes?

— Farei tantas quantas se fizerem necessárias. Gosto de cavalgar. A viagem é cansativa, isto sei eu e, para pernoite, tem-se apenas um galpão...

— ... não há cômodo para senhoras, descansa-se mal sobre pelegos e chão duro acrescentou o mancebo.

— É. Mas outras mulheres também viajam e até com filhinho no colo. Descansa-se em qualquer lugar. Estou acostumada, trabalho com meu pai na roça e com ele volto para casa só depois de quinze ou vinte dias. Lá há falta de conforto. Veja minhas mãos.

Ele já percebera a mão calosa acostumada ao trabalho aturado de sua amada. Jamais imaginara fosse ela uma trabalhadeira de serviços roceiros.

— Já que assim quer, estou de acordo. O prazer é meu e a levarei com gosto acompanhada de seu pai e irmãos.

Estavam nesta conversa quando chegou a hora da arrancada dos cavalos. Lá no alto, prontos para a largada dançavam a moura e o alazão. O alazão cavalgado pelo próprio dono e a egüinha cavalgada por um corredor contratado. Depois de várias tentativas finalmente arrancaram em desabalada carreira. Quando o alazão havia ganho um corpo de luz, saltou para a raia da egüinha e continuou a carreira nesse despropósito. De dentro da samambaia ecoou um tiro e o dono do alazão rolou por terra atingido na nuca. O cavalo continuou a correr sem dono. O assassino ficou no anonimato. Quem iria descobri-lo no cerrado samambaial, onde tantos se abrigavam do calor do sol e descansavam armados?

Elisa dera um grito de susto. Todos correram para o local da tragédia. Marcos convidou a filha e Nestor bem como a família para tornarem a casa. O ambiente tornara-se feroz e poderiam ocorrer mais mortes ainda. Havia discussões que não levavam à parte alguma. O povo foi-se espalhando e felizmente a festa acabou com apenas um cadáver a lamentar. Mais uma família enlutada.

À família de Marcos chegou em casa pela volta do meio dia. Nestor que se hospedara na casa de Silveira para lá se dirigiu e só à noitinha voltou a encontrar-se com Elisa. Domingo à tarde voltaram a encontrar-se. O caboclo não é muito romântico. É bom pai de família, zela pela honradez dela e defende-a. É com ela que vive, com ela sai para passeios e festas, missas quando há. Quando sai, geralmente caminha na frente e atrás vem a mulher e as crianças. Durante o tempo de namoro, com exceção de sábados e domingos, raramente se encontram os namorados, uma ou outra vez furtivamente. Nestor em suas conversas traçava planos para o futuro.

x x x

Segunda-feira, Elisa, sentada no selim, cavalgava um tordilho amilhado, orgulho da redondeza. Era o favorito de Elisa. Ela o tratava e o cavalo afeiçoou-se de tal maneira que ao chamá-lo: tom... tom... tom..., ele vinha nem que fosse para ser alisado pela mão carinhosa da jovem. Para ser montado ele mesmo encostava-se ao cepo, do qual num salto gentil ela ia cair na sela. Hoje parecia nem sentir-lhe o peso. De fato médio como estava até luzia aos raios do sol.

Nestor a esperava diante da venda do Silveira. Ele era todo olhos para a bela amazona, que ora vinha descendo a encosta do planalto. Esporeou o seu baio e foi recebê-la sobre a ponte do ribeirão. Ela vinha acompanhada do pai e de seu irmão Felício. Formando pequeno cortejo o grupo partiu rumo ao sertão. O dia prometia ser quente. A princípio

cavalgaram alegres, mas paulatinamente o cansaço dominou-os e marcharam em silêncio. A certa altura Elisa perguntou se havia água.

— Existe em abundância ali na frente. Devemos vencer mais um trecho. Você tem sede? perguntou solícito.

— Bastante, sem o perigo de desmaiar, disse sorrindo.

Um sorriso de satisfação passou pelo rosto de Nestor, geralmente, sério, homem talhado para mandar. Um sentimento indizível confrangia-lhe o coração ao ver que ali estava a lhe fazer festa a jovem que sonhava possuir.

— Se não é para tanto, chegaremos sem novidade. Acho que à sede junta-se também a fome?

— Ainda não estou faminta. Devem ser onze horas.

Seja. Junto à água faremos a sestiada e só partiremos depois das duas horas. Os cavalos precisam de água e pasto.

— Até onde viajaremos hoje?

— Até um galpão, há um dia da fazenda e amanhã à tardinha chegaremos.

— Isto é um mundo de longe!

— Dois dias de viagem a cavalo é chão que não é brincadeira. Há contudo lugares que ficam muito mais longe, afirmou entre sério e seco.

Elisa riu da espécie de consolo que ele queria derramar-lhe no seio, para que não sentisse tanto a viagem. Ele agora cavalgava ao lado dela, pois a estrada o permitia. Iam felizes como soem ser os namorados quando tudo lhes corre às mil maravilhas.

Devem fruir dessa alegria nessas horas, porque ninguém pode perscrutar o que o destino nos reserva. Em breve eles saberiam que as rosas floriem nos espinheiros.

Chegados ao local da parada, havia ali outros tropeiros. Um sujeito mal-encarado fixou os olhos em Elisa. Ela recuou de onde estava. Nestor franziu a testa e voltando-se para ela segredou-lhe:

— Vamos ter encrenca. Esse é Cabrijo, o carniceiro, talvez teremos de lutar.

O sangue jagunço fervilhou-lhe nas veias. Uma onda de ciúme invadiu-lhe a alma. Para arrebatá-la a moça terão de passar por cima de meu cadáver, pensou. Antes porém, quero mandar alguns desalmados para o reino de Plutão. Por ela lutei, por ela sofri. Sem luta jamais a entregarei. Será de vida e morte cismou e foi apeando. Deu o braço a Elisa que apeou também. Marcos e Felício os imitaram.

Cabrijo não se moveu do lugar onde estava. Seus homens chuchavam o "amargo" e permaneceram em suas conversas. Felício arranjou lenha e em breve o fogo aquecia a água da chocolateira para um gostoso café.

A inquietação pela segurança da futura noiva invadiu a alma do jagunço e ele tinha sobejas razões para desassossegar-se.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

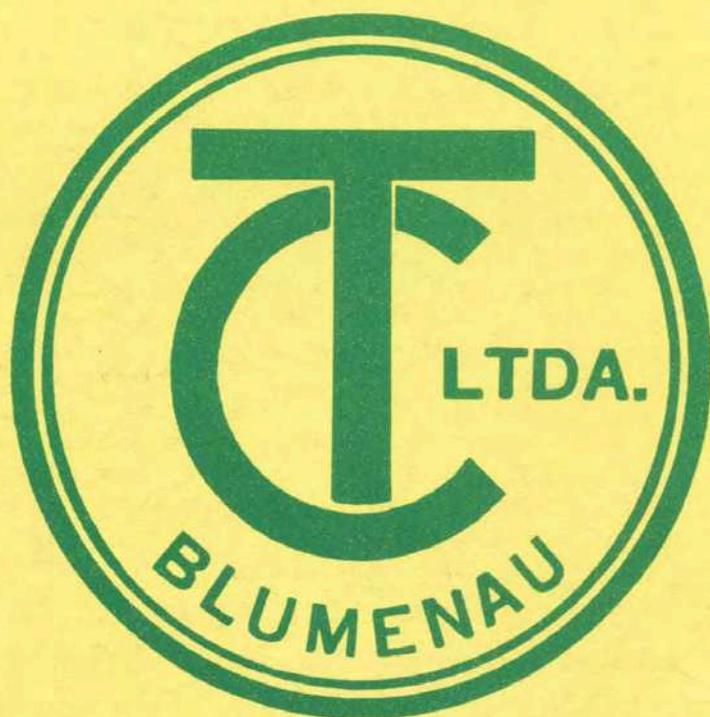
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA